



**Fundação Edson Queiroz**  
**Universidade de Fortaleza – UNIFOR**  
**Vice-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação – VRPPG**  
**Mestrado em Psicologia**

**ESTHER WEINTRAUB GASPAR**

**O COTIDIANO DA RUA: UM ESTUDO ATRAVÉS DA  
PERCEPÇÃO DO GAZETEIRO DE FORTALEZA**

**Fortaleza – Ceará**  
2006

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**ESTHER WEINTRAUB GASPAR**

**O COTIDIANO DA RUA: UM ESTUDO ATRAVÉS DA  
PERCEPÇÃO DO GAZETEIRO DE FORTALEZA**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Psicologia do Centro de Ciências Humanas da Universidade de Fortaleza – UNIFOR, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia, Sociedade e Cultura

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Sylvia Cavalcante.

**Fortaleza – CE  
Universidade de Fortaleza – UNIFOR  
2006**



**Universidade de Fortaleza – UNIFOR**  
**Mestrado em Psicologia**  
**Psicologia, Sociedade e Cultura: Ambiente, Trabalho e**  
**Cultura nas Organizações Sociais**

Dissertação intitulada “*O cotidiano da rua: um estudo através da percepção do gazeteiro de Fortaleza*”, de autoria da mestrande Esther Weintraub Gaspar, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Sylvia Cavalcante – UNIFOR – Orientadora

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rosangela Maria Costa Fernandes – UECE

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Tereza Glauca Rocha Matos – UNIFOR

---

Prof. Dr. HENRIQUE FIGUEIREDO CARNEIRO  
Coordenador do Curso de Mestrado em Psicologia – UNIFOR

Fortaleza, 27 de dezembro de 2006

## DEDICATÓRIA

Aos meus pais Luciano Mota Gaspar e Janet Linda Gaspar. Sem eles, nada seria possível.

## **AGRADECIMENTOS**

Foram muitas as pessoas que me auxiliaram no projeto de pesquisa e redação e me incentivaram nos momentos de ansiedade vividos na realização deste trabalho.

Quero agradecer primeiro aos meus pais, a quem devo a existência e formação. Sendo ambos, professores me ensinaram que o caminho da pesquisa e do magistério é de muita dedicação e trabalho.

Ao meu irmão Emmanuel, que sempre me deu apoio para que eu fizesse o Mestrado.

À minha orientadora Sylvia, que, sempre doce e paciente, acompanhou e orientou uma iniciante sabendo sugerir as trilhas da pesquisa, fornecendo indicações fundamentais sobre a melhor maneira de fazer um trabalho científico, de sua experiência. Foi um privilégio ser sua orientanda e tenho certeza de que suas contribuições estarão sempre presentes em toda a minha vida profissional.

Preciso ainda agradecer aos meus informantes que não entendiam meu trabalho de pesquisa, mas, mesmo assim, me recebiam em todos os encontros marcados, gentilmente, fornecendo dados para a pesquisa; meus sinceros agradecimentos a toda a equipe de gazeteiros que eu entrevistei e acompanhei durante vários meses.

## RESUMO

Registro de uma pesquisa acerca da percepção do gazeteiro sobre o cotidiano da rua, destacando o trabalho, a sociabilidade, o risco e lazer. A dissertação teve como objetivo analisar as representações que os gazeteiros fazem de suas vivências em seu local de trabalho, assim como averiguar o perfil socioeconômico e cultural desses sujeitos e identificar indícios de sofrimento psíquico referente às especificidades do trabalho na rua.

Os métodos utilizados na pesquisa foram: a observação de campo, questionários e entrevistas e grupo focal.

A observação de campo foi realizada através de acompanhamentos da rotina de trabalho do gazeteiro. Nesse momento foram feitas anotações sobre as percepções e relatos dos sujeitos em um diário de campo. Os questionários e entrevistas aconteceu com gazeteiros que prestam serviço a uma empresa jornalística de Fortaleza, objetivando conhecer e traçar o perfil desses sujeitos, visando colher depoimentos que auxiliassem na compreensão da percepção, representação da rua pelo gazeteiro e seu comportamento neste espaço. Entrevistei gazeteiros que estivessem trabalhando de forma regular, há, no mínimo, 12 meses, tendo em vista que, assim, poderíamos obter dados de pessoas que já tinham um tempo de vivência na atividade. Os questionários foram aplicados a 135 gazeteiros e as entrevistas foram realizadas com 10 gazeteiros. O grupo focal teve como objetivo gerar discussões sobre o trabalho do gazeteiro e como ele percebe o seu ambiente laboral, ou seja, a rua. O uso do grupo focal é particularmente importante quando o objetivo é explicar como as pessoas consideram uma experiência, uma idéia ou um evento, visto que a discussão durante as reuniões é efetiva em conhecer informações sobre o que as pessoas pensam ou sentem, ou, ainda, sobre a forma como agem.

Como conclusão foi constatado que a rua é representada, principalmente, como espaço de trabalho pelo gazeteiro. Mas, durante a pesquisa percebemos que também há uma vinculação da rua como sendo um ambiente de socialização, inclusão social e lazer, proporcionando assim, relações com outras pessoas e construção de uma identidade social.

Porém, a pesquisa também mostrou que a rua, para o gazeteiro, é percebida como um espaço de risco, pois neste ambiente público, geralmente, há a presença de assaltantes, marginais e viciados em drogas. Além disso, existe o preconceito,

por parte de algumas pessoas, que acreditam que o vendedor de jornal, por estar na rua, também pode ser um assaltante.

Através da pesquisa constatei que a idéia inicial de que a percepção da rua na visão do gazeteiro estava vinculada, principalmente ao risco, era errônea. Na verdade, o que se sobressaiu durante toda a pesquisa foram os pontos favoráveis que a rua, ou seja, o ambiente da rua é também de sociabilidade e lazer.

**Palavras-chave:** trabalho; rua; cotidiano; percepção; representação.

## ABSTRACT

Notes of research about the perception of newspaper sellers regarding the everyday happenings of the street, emphasizing work, sociability, risks and free time activities. The objective of the dissertation is to analyze the representations which the newspaper sellers make of their experiences in their workplace as well as to check on the socioeconomic and cultural profile of these individuals and identify indicators of psychological suffering regarding the details of work in the street.

The methods used in the research were field observation, surveys and interviews and group focus.

Field observation took place by means of accompaniments of the newspaper sellers routine at this time, notes were taken about the perceptions and the stories of the members in a field diary. The questionnaires and the interviews occurred with the newspaper company in Fortaleza; the purpose was to learn about and trace the profile of these individuals, aiming to collect testimonies which would help to understand the perception, representation of the street, by the newspaper seller and his behavior in this space. I interviewed newspaper sellers who were working regularly for at least twelve months, keeping in mind that, in this manner, we could gather data from people who already had experience in this activity.

The surveys were used with 135 newspaper sellers and the interviews took place with 10 of them. The focal group had as its objective the stimulation of discussions about the work of the newspaper seller and how he perceives his work environment, the street. The use of the focal group is particularly important when the objective is to explain how people consider an experience, an idea or an event, be it that the discussion during meetings is effective in order to know about information regarding what people think or how they feel, or even more, about the way they act.

To conclude, it was observed that the street is represented mainly as a work space by the newspaper seller, however, during the research, we noticed that there is also a link with the street as an environment of socialization, social inclusion and space time, theirs offering relationships with other people and the building of a social identity.

But the research also showed that for the newspaper seller, the street is perceived as a place of risk since, in this public environment, there are robbers, criminals

and drug users. Moreover, there is the prejudice of some people who believe that because the newspaper seller is on the street, he could also be a thief.

By means of this research, I observed that the initial idea that the perception of the street by the newspaper seller was principally linked to risk, was wrong. The truth is that what appeared the most during all the research were the favorable points that the street, or be it, the environment of the street is also one of sociability and free time.

**Key words:** work, street, daily activities, perception, representation.

## LISTA DE TABELAS E FIGURAS

<b>Figura 1:</b> O trabalho do gazeteiro.....	66
<b>Figura 2:</b> A conquista do cliente.....	70
<b>Tabela 1:</b> Idade.....	50
<b>Tabela 2:</b> Sexo.....	50
<b>Tabela 3:</b> Estado civil.....	51
<b>Tabela 4:</b> Renda familiar.....	52
<b>Tabela 5:</b> Chefe da família.....	53
<b>Tabela 6:</b> Ser gazeteiro.....	54
<b>Tabela 7:</b> Meios de comunicação.....	57
<b>Tabela 8:</b> Projeto de vida.....	58
<b>Tabela 9:</b> Sonho.....	59
<b>Figura 3:</b> Participantes dos grupos focais.....	74
<b>Figura 4:</b> Momento de relatos no grupo focal.....	75

## SUMÁRIO

<b>RESUMO.....</b>	<b>06</b>
<b>ABSTRACT.....</b>	<b>07</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>CAPÍTULO 1</b>	
<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>18</b>
1.1. Objetivos da pesquisa.....	20
1.2. Métodos da pesquisa.....	21
1.3. Os passos da pesquisa.....	22
1.3.1 Observações de campo.....	23
1.3.2 Questionários e entrevistas.....	25
1.3.3 O Grupo Focal.....	26
a) Amostra.....	28
b) Procedimentos.....	29
c) Análise dos dados.....	30
<b>CAPÍTULO 2</b>	
<b>O COTIDIANO E O ESPAÇO LABORAL DA RUA.....</b>	<b>32</b>
2.1 A importância do trabalho na construção da identidade.....	35

**CAPÍTULO 3****A PERCEPÇÃO E A REPRESENTAÇÃO DO SUJEITO ACERCA DO  
SEU AMBIENTE DE TRABALHO.....40**

3.1. O ambiente da rua.....43

3.2. O espaço da casa versus o espaço da rua.....46

**CAPÍTULO 4****RESULTADOS E DISCUSSÕES DOS DADOS.....48**

4.1 O perfil sócioeconômico do gazeteiro de Fortaleza.....48

4.2 O que é ser gazeteiro.....63

4.3 Discussão.....68

a) Rua: O espaço do trabalho.....68

b) Rua: O espaço do lazer.....83

c) Rua: O espaço da socialização.....85

d) Rua: O espaço do risco.....92

**CONSIDERAÇÕES FINAIS.....98****REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....102****ANEXOS.....107**

## INTRODUÇÃO

Esta dissertação é uma reflexão sobre a rua como espaço de trabalho e de sobrevivência. A tentativa de registrar o espaço da rua e analisá-lo sob essa perspectiva traz uma contribuição importante para o estudo das questões urbanas e para uma ponderação psicológica sobre os conflitos da vida cotidiana dos “trabalhadores da rua<sup>1</sup>”, tendo como suporte a Psicologia Ambiental. Esta tem como objetivo estudar as relações recíprocas entre o indivíduo e o ambiente. Ou seja, ela leva em conta o contexto, especialmente o ambiente físico; estuda a relação recíproca, para não dizer circular, entre o indivíduo e o ambiente e vê o indivíduo como parte do seu contexto físico e social. Logo, há o interesse em estudar os processos de percepção, representação e avaliação do meio ambiente, buscando apreender a significação que os diversos espaços podem adquirir nas relações humano-ambientais.

A escolha da temática veio a partir de dois interesses que se interpueram ao longo da minha experiência de vida: a paixão pelo trabalho que desenvolvo com gazeteiros em uma empresa jornalística e o interesse pelo estudo

---

<sup>1</sup> Expressão criada para nomear os trabalhadores que são autônomos e que têm a rua como espaço de trabalho.

da Psicologia Ambiental. A primeira delas surgiu quando coordenei um projeto de seleção de gazeteiros em 2003 e do qual participei como psicóloga, chamado “Projeto Novos Ares”. Este visava formar uma equipe de gazeteiros melhor qualificada, através de cursos de capacitação para vendedores.

O contato com o trabalho e a rotina do gazeteiro me deixou curiosa, fazendo com que, ao final de 2003, realizasse uma pesquisa com um grupo de 135 gazeteiros de Fortaleza, com o intuito de conhecer seu perfil socioeconômico, base necessária ao desenvolvimento de trabalhos posteriores com esta população. As informações coletadas me levaram a elaborar o “Projeto Novo Gazeteiro”, cujo objetivo era orientar e qualificar este vendedor, através de diversos cursos: técnica de vendas, informática, português, matemática, marketing pessoal e recursos humanos.

Assim, meu envolvimento com esta população foi crescendo e despertando o desejo de conhecê-la melhor e de sistematizar as informações e observações que coletava para compreender com mais exatidão as especificidades do trabalho destes sujeitos. É importante deixar esclarecido que o gazeteiro, ao qual me refiro, é aquele que vende jornal na rua, entre os carros, aproveitando a parada obrigatória dos veículos nos sinais para efetuar a venda, pois seus clientes são principalmente os condutores e passageiros que estão no trânsito.

O segundo interesse começou a ser esboçado, e vem crescendo, desde que ingressei no Mestrado em Psicologia da Universidade de Fortaleza

(UNIFOR) e tive a oportunidade de entrar em contato com a Psicologia Ambiental, área do conhecimento que estuda as relações que as pessoas mantêm com o meio e sua importância na constituição psíquica do sujeito.

A pesquisa objetiva conhecer a percepção do gazeteiro sobre o cotidiano da rua e ainda como esses trabalhadores subjetivam as interações que estabelecem nesse espaço, sejam com os colegas, sejam com os clientes.

A partir deste objeto, os conceitos de trabalho, rua, cotidiano, percepção, percepção de risco e representação foram definidos como básicos tanto a partir de referenciais da Psicologia Ambiental quanto a partir de alguns estudiosos, tais como: Arbonoz (1990), Certeau (1994), Codo (1993), Lefebvre (1999), Santos (1985), Sennett (1989) e Okamoto (2002).

Este trabalho é composto por quatro capítulos. O primeiro estabelece os objetivos da pesquisa e trata dos métodos e procedimentos empreendidos para sua realização. Neste momento, faço um relato sobre as técnicas que foram utilizadas na coleta de dados.

No segundo capítulo, destaco a importância do estudo do cotidiano da rua, revelando o ambiente laboral do gazeteiro. Entendemos que no cotidiano as representações nascem e para esse cotidiano elas voltam na forma de ação. Logo, a investigação do cotidiano do gazeteiro tem como foco de análise o âmbito do trabalho, bem como o aspecto histórico relacionado à atualização desse conceito, buscando compreendê-lo na contemporaneidade.

No terceiro capítulo, discorro sobre a percepção e representação da rua pelo gazeteiro. A importância de analisarmos a espacialidade da rua está no fato de podermos identificar a dimensão da vida cotidiana presente em suas formas, uma vez que ela representa a espacialidade das relações sociais.

A pesquisa tornou-se interessante pelo fato de buscar não apenas o entendimento do que o indivíduo percebe, mas também por promover a sensibilização, bem como a compreensão do sistema de percepção e desse ambiente. Assim os sentimentos e sensações também foram coletados, relacionando-os ao “olhar” que o vendedor de jornal tem sobre a rua.

No quarto capítulo, o foco foram os resultados e discussões dos dados acerca da percepção do cotidiano da rua. Procurei mostrar as informações coletadas, através de tabelas, reflexões e relatos obtidos a partir das sessões de grupos focais.

Nas considerações finais faço um breve comentário acerca das conclusões da pesquisa e destaco as principais informações obtidas ao longo do estudo.

Nas referências bibliográficas menciono os autores que foram consultados e fizeram parte do embasamento teórico durante a pesquisa.

Para finalizar a dissertação apresentei dois anexos que foram utilizados na pesquisa. O anexo A é constituído de um questionário contendo as seguintes informações: dados básicos, trabalho e renda, condições de moradia, saúde,

situação escolar, participação comunitária em projetos, capacitação, meios de comunicação e lazer. Esse anexo foi importante para a construção do perfil socioeconômico do gazeteiro.

No anexo B apresento um roteiro de entrevista realizado com os gazeteiros durante a pesquisa.

## Capítulo 1

### METODOLOGIA

Movida pelo interesse em estudar sobre o cotidiano da *rua* na visão do gazeteiro, parti para o trabalho de definição dos caminhos a serem trilhados. O assunto percepção me instigava por sua amplitude. Era preciso delimitar o universo de investigação. Seria a percepção da rua de uma maneira geral? A percepção da rua como espaço de trabalho? A percepção da rua como espaço de risco? Estas eram algumas das indagações que se apresentavam e impunham definições. De certa maneira, estes questionamentos funcionaram como norteadores, não fixos e aprisionantes, mas como uma luz que anuncia um rumo, ainda incerto.

Diante das diversas possibilidades de estudo, foi eleita a percepção da rua na visão do gazeteiro, tendo em vista que eu estaria pesquisando um tema que abrangia tanto a Psicologia quanto o trabalho do gazeteiro.

A busca inicial por bibliografia que tratasse especificamente sobre o tema não foi tão fácil. Os estudos sobre a percepção da rua existem, como podemos citar os autores Da Matta (1991), Magnani (1998), Okamoto (2002), mas as pesquisas sobre o trabalho dos vendedores de jornal são escassas.

Ora, se, por um lado, essa constatação conduzia a um certo esmorecimento de minha parte, por outro, também me motivavam pela possibilidade de melhor conhecer as especificidades deste espaço e pelas articulações inovadoras que poderiam ser estabelecidas a partir da visão deste ator social que usa este espaço como espaço de trabalho. O estudo sobre o cotidiano da *rua* na visão do gazeteiro mostrava-se inovador e por isso rico em si mesmo.

Estava certa do meu interesse em compreender melhor como o gazeteiro percebia e representava o seu espaço de trabalho. Mas, como fazer a coleta de dados? Surgiu a consciência de que eu precisava de dados tanto objetivos quanto subjetivos.

Desta maneira, delinearam-se minhas perguntas de partida: O gazeteiro percebe a *rua* somente como um espaço de trabalho? Os gazeteiros vivenciam situações de risco no seu ambiente de trabalho? Definidas estas questões, um objeto de estudo relativamente delimitado apareceu.

Escolhi a Psicologia Ambiental como teoria-base, principalmente os estudos relativos a compreensão e percepção do homem quanto ao seu ambiente, buscando apreender a significação que os diversos espaços podem adquirir nas relações humano-ambientais. Além disso, o cunho fenomenológico prevaleceu como referencial metodológico na condução de minhas idéias e da pesquisa propriamente dita, na medida em que os fenômenos humanos, em especial as vivências, estão mais sujeitas a um estudo que contemple sua

natureza vivencial e subjetiva, isto é, a uma pesquisa de caráter qualitativo, já que o enfoque seria dado ao significado que a rua tem para o gazeteiro. Assim, o estudo também partiu para uma pesquisa desta natureza.

### **1.1. Objetivos da pesquisa**

A pesquisa teve como objetivo geral conhecer a percepção do gazeteiro sobre o cotidiano da rua. Como objetivos específicos propomos as seguintes questões:

- a) Averiguar o perfil socioeconômico e cultural do gazeteiro de Fortaleza;
- b) Analisar a percepção e representação da rua enquanto espaço de trabalho, sociabilidade, risco e lazer pelo gazeteiro;
- c) Verificar os significados e as especificidades atribuídos a este espaço público pelo gazeteiro;
- d) Identificar indícios de sofrimento psíquico referente às especificidades do trabalho neste espaço público;

## 1.2. Métodos da pesquisa

As técnicas escolhidas para a pesquisa foram:

a) **Observação de campo** através de acompanhamentos da rotina de trabalho do gazeteiro. Nesse momento foram feitas anotações sobre as percepções e relatos dos sujeitos em um diário de campo.

b) **Questionários e entrevistas** com gazeteiros que prestam serviço a uma empresa jornalística de Fortaleza, objetivando conhecer e traçar o perfil sócioeconômico do gazeteiro de Fortaleza, visando colher depoimentos que auxiliassem na compreensão da percepção, representação da rua pelo gazeteiro e seu comportamento neste espaço. Resolvi entrevistar gazeteiros que estivessem trabalhando de forma regular, há, no mínimo, 12 meses, tendo em vista que, assim, poderíamos obter dados de pessoas que já tinham um tempo de vivência na atividade. Os questionários foram aplicados a 135 gazeteiros e as entrevistas foram realizadas com 10 gazeteiros.

c) **Grupo focal** com o objetivo de gerar discussões sobre o trabalho do gazeteiro e como ele percebe o seu ambiente laboral, ou seja, a *rua*. O uso do grupo focal é particularmente importante quando o objetivo é explicar como as pessoas consideram uma experiência, uma idéia ou um evento, visto que a discussão durante as reuniões é efetiva em conhecer informações sobre o que as pessoas pensam ou sentem, ou, ainda, sobre a forma como agem.

### 1.3. Os passos da pesquisa

O entendimento das questões metodológicas deu corpo ao estudo do fenômeno da percepção do gazeteiro sobre o cotidiano da rua, buscando o contato, o mais aproximado possível, da vivência destes.

É fato que, não foi fácil ter que exercer o papel de pesquisadora sendo parte integrante da empresa onde o estudo foi realizado. Além de existir uma dificuldade minha em ter que “esquecer” as vivências e os conhecimentos que eu apreendi durante cinco anos trabalhando com projetos sociais voltados para os gazeteiros, percebi que para estes sujeitos que participaram dos grupos focais e das entrevistas também foi difícil “separar” a minha imagem de psicóloga da empresa com o de pesquisadora, apesar de toda a explicação que realizei com os grupos sobre a pesquisa.

Durante os grupos focais e discussões senti que houve inibição por parte dos gazeteiros em falar sobre questões relacionadas à empresa jornalística, pois temiam que eu pudesse intervir na relação deles com a empresa. Porém, procurei sempre mostrar que eu não estava ali para julgar ou colocá-los numa situação delicada perante a empresa. Logo, eles podiam ficar à vontade para falar abertamente sobre os assuntos abordados.

Apesar da existência dessa dificuldade, tanto minha quanto dos gazeteiros, acredito que conseguimos desenvolver a pesquisa com êxito.

Os passos realizados durante a pesquisa foram:

### 1.3.1 Observação de campo

Para uma melhor compreensão acerca da rotina de trabalho do gazeteiro e das suas condições de moradia, resolvi, durante 2 meses realizar uma observação do cotidiano destes sujeitos. Nesse momento, fiz uso de um diário de campo em que anotava as observações, as percepções, os relatos das pessoas, ou seja, todos os dados interessantes para a pesquisa.

O acesso aos bairros da periferia da cidade não é fácil. As ruas têm muitos buracos e falta estrutura para que os veículos trafeguem. Além disso, há o perigo constante de assaltos. Por isso, procurei um mediador que me facilitasse o contato com os gazeteiros desde o momento da sua saída para trabalhar na madrugada. Conversei com o supervisor da empresa jornalística sobre as minhas dificuldades e ele propôs que eu acompanhasse uma rota com ele para que eu pudesse não só ter acesso à casa do gazeteiro, mas também conhecer a rotina de trabalho e o cotidiano do vendedor de jornal.

Com a continuidade da pesquisa, aprendi que os obstáculos do trabalho de campo são um grande aprendizado e a busca por soluções pode indicar novas trilhas.

É válido salientar que, nos primeiros contatos, houve um pouco de resistência do gazeteiro em querer falar, porém, depois de alguns dias, eles foram

se sentindo mais à vontade para dialogar. Não foi fácil explicar o motivo da pesquisa para os gazeteiros. As pessoas que diziam compreender minha pesquisa ficavam ainda mais contrariadas com minhas atitudes, sem entender como eu escolhia estar visitando favelas e *ruas* para pesquisar e por que eu *gastava* tanto tempo com eles. Dentre essas situações, destaco um comentário de um gazeteiro, que se admirou muito da minha presença “em pleno Sábado”, sob um sol quente, questionando se eu não deveria estar na praia.

Durante a observação do campo, o meu objeto de pesquisa foi aos poucos se delineando. Os atores e os locais de estudo deram sentido às minhas idéias. Em determinados momentos, me sentia aflita por estar presenciando algumas cenas e discursos e não poder fazer nada para ajudar. Entrava na vida cotidiana das pessoas, invadia suas casas, calçadas e seus ambientes de trabalho; perguntando, perguntando e nada resolvia. Enfim, questionavam alguns gazeteiros: para que serve mesmo tudo que você escreve, para onde vai? E acrescentavam: serve ao menos para nos ajudar em alguma coisa? Essas eram as ocasiões nas quais me sentia mais constrangida, pois, para eles, eu só escrevia, em vez de intervir, que era a expectativa dos meus informantes.

O mundo universitário não entra no horizonte de compreensão dos gazeteiros e de suas famílias, pelo menos no sentido do saber acadêmico distante das soluções pragmáticas. Na verdade, é preciso uma capacidade de abstração para entender por que uma pessoa *bem parecida* vai à favela, *não recebe nem dinheiro e não vai dar nada a ninguém*.

Faz-se necessário informar, ainda, que adotei uma abordagem simultaneamente psicológica e antropológica, à medida que a pesquisa se propôs analisar a subjetividade e o contexto social dos gazeteiros, com uma postura de interação direta no campo.

A minha postura no campo se aproximou da adotada na busca antropológica, mantendo um diário de campo, buscando uma proximidade com os informantes, tomando café na cozinha e descrevendo densamente suas práticas cotidianas. Houve manhãs em que sentei na calçada da rua e anotava o que observava, desde como estava o tempo e a temperatura do dia, até a forma como as pessoas tratavam e observavam o trabalho do gazeteiro.

### 1.3.2 Questionários e Entrevistas

O segundo passo da pesquisa foi a aplicação de um questionário a 135 gazeteiros, com objetivo de coletar dados sobre o perfil socioeconômico do gazeteiro. Os gazeteiros da empresa jornalística escolhida foram informados sobre o questionário a ser aplicado e os interessados deveriam comparecer nos dias determinados por mim. Nesta empresa, existem cerca de 220 gazeteiros. Compareceram para a pesquisa 135 gazeteiros, ou seja, a amostra foi de 61% da população total destes sujeitos da empresa investigada. É interessante salientar que nessa amostra os sujeitos eram de bairros e idades diferentes.

A intenção era de aplicar o questionário a todos os gazeteiros da empresa, porém isso não foi possível porque algumas pessoas estudavam ou tinham outro trabalho no horário determinado para a pesquisa.

O questionário tinha 50 questões e as perguntas eram fechadas e abertas. A aplicação foi individual e durava cerca de 40 minutos com cada pessoa.

Após a coleta de dados dos questionários, senti a necessidade de fazer entrevistas com alguns gazeteiros, com o objetivo de aprofundar determinadas questões que fui encontrando ao longo da pesquisa. Daí surgiu a idéia de chamar 10 gazeteiros que participaram da aplicação dos questionários. Para a escolha dos sujeitos, utilizei alguns critérios: capacidade de fluência verbal, raciocínio lógico, expressão, síntese e associação de idéias. As entrevistas foram feitas em 2 dias.

### 1.3.3 O Grupo Focal

O grupo focal teve origem na sociologia e hoje é amplamente utilizado nas pesquisas que necessitam analisar informações qualitativas. Pode ser considerado um fórum que reúne um pequeno grupo de indivíduos para conversar sobre um tópico de interesse.

No grupo são utilizados guias de entrevistas semi-estruturadas e previamente preparados, com a finalidade de gerar a discussão, da qual são

retiradas as informações necessárias, às quais são adicionadas anotações e reflexões do moderador.

O uso do grupo focal é particularmente importante, quando o objetivo é explicar como as pessoas consideram uma experiência, uma idéia ou um evento. O grupo focal tem como vantagem o fato de levar os membros a fornecerem informações mais qualificadas e mais aprofundadas sobre o assunto em discussão.

Assim, para expor situações concretas vividas na rua, a troca de experiências no grupo nos pareceu particularmente estimulante, na medida em que o relato de um participante poderia permitir aos outros rememorar situações semelhantes e despertar o debate, permitindo, deste modo, captar a maneira própria como os sujeitos vivenciam as experiências na rua marcadas pelas dificuldades e seus significados.

Foram utilizados 3 grupos focais com 8 pessoas em cada grupo. Procurei dar a abertura necessária para emergir os conteúdos das experiências dos participantes. Esta técnica de entrevista grupal difere da entrevista individual ou tradicional, já que não se baseia em procedimentos de perguntas e respostas, mas em uma experiência de interação, numa conversação livre entre os participantes.

Na primeira etapa do grupo focal, foi definida a estrutura das reuniões, a quantidade de encontros (nove encontros) e as variáveis de estratificação para a análise dos resultados. A partir da identificação dos objetivos da pesquisa, decidiu-

se formar 3 grupos (com 8 pessoas em cada um) de gazeteiros que estivessem trabalhando de forma regular, há, no mínimo, 12 meses, com o intuito de compreender a experiência de trabalhar na *rua* e suas representações relativas a este espaço, tendo em vista que, assim, poderíamos obter dados de pessoas que já tinham um tempo de vivência na atividade.

Na segunda etapa, pedimos que os gazeteiros descrevessem o trabalho deles com todos os detalhes, ou seja, relatassem um dia de trabalho. A partir dos discursos, fomos conduzindo as questões que interessavam mais à pesquisa. As reuniões foram gravadas para posterior análise, sendo que os participantes estavam cientes desse procedimento.

#### a) Amostra

Os três grupos foram formados por 08 gazeteiros em cada um, do sexo masculino, com 2º grau completo, de idade entre 18 e 36 anos, com no mínimo 01 ano de trabalho na atividade de venda de jornal na rua.

## b) Procedimentos

As sessões grupais se realizaram na sala de treinamento que utilizo na empresa jornalística pesquisada. O espaço oferecia um bom nível de privacidade, conforto e silêncio, favorecendo o clima para conversação. As três sessões tiveram duração média de uma hora e meia e se realizaram entre os meses de setembro e dezembro de 2006.

A discussão, conduzida por esta pesquisadora que atuou como moderadora, transcorreu num clima de espontaneidade e abertura, buscando-se avançar em profundidade nos conteúdos trazidos pelos participantes. Um observador encarregou-se de registrar a sessão e anotar durante o seu desenvolvimento, aspectos que pareciam de algum modo relevantes. As conversas foram registradas através de gravações, mediante prévia autorização dos participantes e sob a garantia do sigilo de suas identidades.

A dificuldade inicial que se apresentou para a seleção das pessoas convidadas a participar dos grupos focais foi, na verdade, a disponibilidade de tempo, pois alguns gazeteiros exercem outras atividades ou estudam quando voltam do trabalho da venda de jornal.

Inicialmente, a moderadora apresentou a cada grupo, grosso modo, o tema da pesquisa e deu as orientações de como iria transcorrer a sessão.

Pedimos que os gazeteiros descrevessem um dia de trabalho deles e, na medida em que fosse discutido um assunto de maior interesse, pedíamos para que eles detalhassem ou explicassem melhor a situação ou fato.

### c) Análise dos dados

Nos grupos focais, foi importante a forma como se armazenaram os dados para posterior transcrição e análise. A gravação foi considerada a principal forma para a obtenção de dados, portanto, foi fundamental assegurar a sua qualidade.

Após a coleta de dados, foi feita a transcrição e análise, considerando as palavras e os seus significados, o contexto em que foram colocadas as idéias, a consistência interna, a frequência e a extensão dos comentários, a especialidade das respostas, e a importância de identificar as grandes idéias.

Almejamos, nesta pesquisa, o máximo de transparência e fidelidade para com os elementos apresentados pelos participantes, como comportamentos e experiências por eles descritos, seus sentimentos, percepções, valores e pensamentos.

As conversas foram analisadas transcrições das gravações em sua totalidade. As análises dos textos nos permitiram identificar as categorias e os

elementos recorrentes nas conversas, os quais foram agrupados segundo eixos temáticos.

Para realizar a análise dos relatos dos participantes, utilizamos a análise de discurso.

Em um discurso, o sujeito falante reproduz idéias, pensamentos e percepções de muitos sujeitos que o influenciaram. Assim, a percepção do gazeteiro sobre a *rua* poderá resultar tanto da sua vivência e reflexão sobre o tema, quanto de influências recebidas do meio exterior, ou seja, os gazeteiros falam por si e pela sociedade.

## Capítulo 02

### O COTIDIANO E O ESPAÇO LABORAL DA RUA

O cotidiano revela as diversas atividades exercidas sobre um território, onde se desenvolvem as diferentes práticas sociais e suas respectivas sociabilidades através dos tempos. A vida cotidiana, segundo Agnes Heller (1972), é a vida do homem inteiro. Não se pode dissociar o cotidiano da história da sociedade, pois os fatos históricos nascem no cotidiano e remetem à idéia de repetição, contudo, esse espaço não é só de reprodução, mas é também espaço de produção de sentidos.

Heller (1972), estudiosa do cotidiano, divide a vida social humana em dois grandes âmbitos: o da vida cotidiana e o âmbito das esferas não-cotidianas da atividade social, sendo que o segundo tem sua gênese histórica no primeiro e sua existência já caracteriza um certo estágio de desenvolvimento da sociedade. A vida cotidiana é constituída a partir de três tipos de objetivações do gênero humano (objetivações genéricas em-si), que constituem a matéria-prima para a formação elementar dos indivíduos: a linguagem, os objetos (utensílios, instrumentos) e os usos (costumes) de uma dada sociedade. Já as esferas não-cotidianas se constituem a partir de objetivações humanas superiores

(objetivações genéricas para-si), isto é, mais complexas, como as ciências, a filosofia, a arte, a moral e a política.

Estes níveis qualitativamente distintos de objetivações se encontram em constante processo de transformação, na medida em que a atividade humana que produz e reproduz essas objetivações tende, ao longo da história, a um grau de complexidade cada vez maior. Na medida em que se desenvolvem qualitativamente as atividades humanas, aprimoram-se os produtos materiais e simbólicos dessas atividades. Esses produtos, por sua vez, irão determinar um grau superior de desenvolvimento humano tanto material quanto psíquico, ou seja, tanto no que se refere aos aspectos objetivos da existência social humana quanto no que diz respeito às aptidões e funções psíquicas dos indivíduos. Portanto, essas objetivações representam o próprio desenvolvimento histórico da humanidade, isto é, as marcas de sua evolução. Por sua vez, a existência das objetivações genéricas que compõem as esferas não-cotidianas da vida social indica o grau máximo de desenvolvimento alcançado pela humanidade, num dado momento histórico, ou seja, apontam para o que há de mais desenvolvido numa dada sociedade, em termos de suas produções socioculturais. Neste sentido, constituem-se naquilo que define o grau máximo que pode alcançar o desenvolvimento dos indivíduos naquela sociedade.

Para Heller (1972), a formação dos indivíduos começa sempre nas esferas da vida cotidiana. Esse processo de formação se inicia já no momento de seu nascimento e inserção no universo cultural humano e se estende por toda a vida. Segundo Heller (1972), a vida cotidiana é parte inerente à existência de todo

e qualquer indivíduo. Nessa esfera do ser social, o indivíduo apropria-se da linguagem, dos objetos e instrumentos culturais, bem como dos usos e costumes de sua sociedade. Sem a apropriação dessas objetivações, seria impossível a sua existência e convivência em qualquer sociedade humana, independentemente do nível de desenvolvimento dessa mesma sociedade.

A autora ainda destaca que, ao longo da formação dos indivíduos em sua vida cotidiana, estruturam-se determinadas formas de pensamento, de sentimento e de ação típicas dessa esfera da vida social e necessárias para a própria reprodução da existência do indivíduo. Assim, podemos concluir que a formação dos indivíduos no âmbito da vida cotidiana determina a estruturação do psiquismo do sujeito.

Para Heller (1972), as categorias do pensar, do sentir e do agir cotidiano formam um conjunto articulado de processos psicológicos (afetivos, cognitivos e comportamentais) fundamentais para a existência e para a reprodução do indivíduo em sua vida cotidiana. Configuram, portanto, uma determinada estrutura psíquica inerente à vida de todo e qualquer indivíduo, uma vez que a cotidianidade é elemento constituinte da existência de todo e qualquer indivíduo em qualquer sociedade.

Diante das teorias elaboradas por Heller (1972) sobre o cotidiano, vislumbrei a possibilidade de estudar o trabalho do gazeteiro, pois é no ambiente da rua que este sujeito vive grande parte de suas relações, emoções e sensações.

## 2.1A importância do trabalho na construção da identidade do sujeito

Na linguagem cotidiana, a palavra trabalho tem vários significados. Trabalho pode lembrar fabricação, labor, obra, tarefa, dor, tortura, suor do rosto, fadiga, esforço, cansaço. Ou, ainda, operação humana de transformação de matéria natural em objeto de cultura; realização de uma obra que se expresse, que dê reconhecimento social e permaneça além de sua vida; e ainda a de esforço rotineiro e repetitivo, sem liberdade, de resultado consumível e incômodo inevitável.

O conceito de trabalho varia historicamente. Nos primórdios, a humanidade passou do nomadismo para permanecer num determinado lugar a fim de plantar, donde surgiu o trabalho agrícola. Em seguida, com a fixação do homem na terra, despontaram-se as idéias de propriedade (posse), troca de bens e troca de moeda por bens, se consolidando na mediação da moeda.

Com a revolução industrial, passa-se da fase em que o produtor fazia todo o produto de forma artesanal para produzir apenas parte do produto (forma industrial). Isso ocasionou várias mudanças: o distanciamento do produtor do seu produto, a alienação do trabalhador da escolha da matéria-prima, do processo de produção e de comercialização, além do deslocamento de sua residência para trabalhar em outro local. Estas mudanças ocasionaram vários impactos na representação do trabalho para a sociedade, na medida em que se deu o

parcelamento da produção e a alienação do produtor sobre o produto (perda de controle). Como consequência disso, o trabalho é alienado do trabalhador porque, segundo Suzana Albornoz (1990), o produtor não detém, não possui e nem domina os meios de produção porque produtor e produto estão separados.

A revolução industrial teve como consequência a consolidação do modo de produção capitalista. Nesse sentido, a alienação objetiva do homem do produto e do processo de seu trabalho é uma consequência da organização legal do capitalismo moderno e desta divisão social do trabalho. Assim, a organização do processo de trabalho fabril, emergente no final do século XVIII na Inglaterra, constituiu a referência histórica na elaboração da noção de trabalho, criada e imaginada na Modernidade.

Nesse contexto, as metamorfoses do trabalho podem ser percebidas nas mudanças no mercado de trabalho, nos paradigmas produtivos, no lugar e sentido atribuídos ao trabalho, na formação da sociabilidade e da identidade. O mundo do trabalho que, tendo sido historicamente separado da casa, da família, do local de moradia, torna-se cada vez mais autônomo e independente das relações sociais e das práticas políticas, religiosas, culturais e educacionais.

Já para Gorz (1991), o conceito de trabalho deve ser redefinido diante da diversidade e da pluralidade de práticas emergentes de trabalho nas sociedades contemporâneas. Elas envolvem mulheres, idosos, menores, desenrola-se no âmbito da chamada “economia informal” e do mundo do não trabalho. Nesse sentido, o trabalho recobre um campo mais amplo do que o do

emprego ou do trabalho assalariado, se constituindo numa atividade social presente em todas as sociedades, apesar das diferentes definições do que seja trabalho. O trabalho não está, portanto, separado da vida. Qualquer distinção entre as atividades de trabalho e não trabalho torna-se impossível.

Portanto, percebe-se que o trabalho é um elemento essencial na vida do indivíduo e na composição de sua identidade e, portanto, do cotidiano se levarmos em consideração que o cotidiano é a vida do homem por inteiro. A articulação entre identidade e trabalho é parte fundamental da inserção do sujeito no mundo das relações sociais. Segundo Mascarenhas (2002), o trabalho representa para o indivíduo a consciência de pertencer a determinado grupo social e a carga afetiva que isso implica. Não se pode menosprezar o papel que o trabalho exerce na identidade do trabalhador: dá a ele um sentimento de pertença social e de valorização, inclusive autovalorização. Constitui-se em uma mediação por excelência entre os mundos da individualidade e da coletividade.

A inserção no mundo do trabalho confere valor social, reproduz o imaginário coletivo de valorização moral do trabalhador. Permite a aquisição de qualificações que são agregadas à identidade do trabalhador. Os espaços de trabalho, que comumente estão associados a prestígio ou desprestígio social, repercutem na qualificação ou desqualificação do eu. A atividade exercida revela uma dimensão subjetiva e uma repercussão social muito além dos dados estatísticos e econômicos (Mascarenhas, 2002, p.66).

A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o mundo pessoal e o mundo público. Nota-se que o fato de que projetamos a “nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo em que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural.

Todavia, os significados reais do trabalho para determinada pessoa ou grupo se escondem e não são revelados ao primeiro olhar, dependem de uma análise rigorosa, exaustiva, em que são obrigatórias a observação do cotidiano, as representações do trabalhador e os desígnios da empresa. Daí ser importante a observação e a discussão do cotidiano e do espaço de trabalho do gazeteiro nesse estudo.

Soczka (2005) estuda os espaços de trabalho e comenta que é fato que as pessoas não trabalham, tal como não sobrevivem, no vazio, não sendo por isso de estranhar que, desde os primórdios de sua existência, a Psicologia Ambiental se preocupe também com os ambientes laborais. O ambiente laboral é, portanto, tudo o que cerca, que envolve, que rodeia aquele que trabalha, ou seja, é o meio em que se trabalha.

O ambiente laboral, num sistema tradicional de fábrica, indústria e serviços, é um lugar físico, topológico, identificado, vivenciado e experienciado integralmente por quem o ocupa; é um local, um espaço que define e circunscreve a vida real de trabalho de todos os dias. Esse local de trabalho físico possui

características térmicas, de luz, de cor, características sonoras e acústicas planejadas para tornar a permanência em seu interior o mais agradável possível.

Porém, num ambiente laboral, não tradicional, como é a *rua*, não há um espaço previamente delimitado, as condições climáticas não são controláveis: há barulho, trânsito e desafios urbanos. Geralmente, o sujeito acaba “demarcando” o seu espaço de trabalho através da sua presença física diariamente no mesmo horário e através das relações sociais que estabelece com as pessoas que costumam morar ou transitar no local determinado pelo trabalhador.

Diante do desafio do estudo de um ambiente laboral diferenciado, pesquisamos os usos e comportamentos que os gazeteiros têm nesse espaço, as relações que estabelecem entre si e com outros trabalhadores que também têm a *rua* como local de trabalho.

O estudo da rua e da percepção deste espaço de trabalho foi realizado no contexto real, vivido e experienciado cotidianamente, considerando pessoas e locais intimamente inter-relacionados dentro de um sistema comportamental comum, procurando compreender as representações do cotidiano do trabalho dos gazeteiros.

## Capítulo 03

# A PERCEPÇÃO E A REPRESENTAÇÃO DO SUJEITO ACERCA DO SEU AMBIENTE DE TRABALHO

A relação entre homem e espaço, no contexto do meio ambiente, tem sido objeto de questionamento para o estudo do comportamento, pois o homem é constituído de dois universos: um em constante processo de adaptação ao meio e outro que se mostra em ações como resposta à interpretação que faz da realidade.

O homem entra em contato com o meio ambiente, através dos seus cinco sentidos que decodificam dimensões do mundo exterior, dando-lhe significado. Age, a partir daí, modificando o meio ambiente e se modificando também num processo de troca contínua.

A percepção, como área de pesquisa psicológica, pode ser adequadamente considerada como o conjunto de processos pelos quais o indivíduo mantém contato com o ambiente. Autores como Levy-Leboyer (1980), Hochberg (1982) e Okamoto (2002) estudaram percepção do espaço e a definiram

como o processo ativo no qual o indivíduo está por inteiro implicado: percebendo o ambiente, o indivíduo o constrói e nesta construção se mostra a si mesmo.

Somando-se a esta idéia, Okamoto (2002) explica que a percepção também está relacionada com a educação do sujeito e diz ainda que existem condicionantes outros que filtram as informações, como a lateralidade cerebral e a modalidade da inteligência. Os estudos de Okamoto revelam que temos a sensação do ambiente pelos estímulos do meio, sem se ter a consciência disso. Diante do bombardeio de estímulos, a mente seleciona os aspectos de interesse ou que tenham chamado a atenção: é aí que ocorre a percepção (imagem) e a consciência (pensamento, sentimento), resultando em uma resposta que conduz a um comportamento.

Já a representação é um ato de pensamento através do qual um sujeito se refere a um objeto, sendo assim, ela é uma consequência da percepção e não implica necessariamente a presença do objeto. Assim, representar é substituir, ficar no lugar de. E não é um puro reflexo do mundo exterior. Não é uma reprodução passiva de um exterior no interior. Nesse sentido, ela não é simples reprodução, mas construção e comporta uma parte de autonomia e de criação individual ou coletiva. Como explica Okamoto (2002), os fatos costumam ser neutros; são as crenças que afetam nossas formas de pensar, agir e sentir.

Para Hochberg (1982), a representação ambiental varia segundo o tipo de ambiente, mas também em função da idade e da classe social e do fato de as pessoas serem ou não nascidas na cidade. Logo, o conceito de representação

está relacionado às nossas interações significativas com o mundo. Com isso, os esquemas representacionais essenciais são construídos através de processos cognitivos adquiridos por meio de experiências pessoais e influenciados por interesses, recompensas, punições, entre muitos outros fatores.

Segundo Okamoto (2002), há um momento do processo cognitivo que se vale da linguagem simbólica para a representação da realidade. Através do sistema simbólico, o homem não vive apenas numa realidade mais vasta; vive, por assim dizer, numa nova dimensão da realidade. Seu comportamento é simbólico e ele age em função dos significados que imprime à realidade. Logo, o universo humano é metafórico, repleto de mitos, presunções, paradigmas que impedem a visão objetiva da realidade.

Assim, cada pessoa pode perceber e representar o espaço de maneira diferente, levando-se em consideração que o espaço é uma projeção e uma extensão da personalidade de cada um.

Para Rio (1999), necessitamos enfocar mais atentamente as formas de experiências ambientais e as variações de percepção dos sujeitos para melhor compreendermos seu comportamento. Este é um dos interesses da Psicologia Ambiental que estuda a percepção e a representação, através de entrevistas e questionários, observações dos comportamentos, mapas mentais ou cognitivos e análise de imagens.

Trazendo estas reflexões para nossa pesquisa, entendemos que o gazeteiro pode experienciar a *rua* de diversas formas, pois a percepção de um mesmo espaço sofre processos de transformações a cada nova vivência.

É possível, portanto, supor que o sentido da *rua* depende da relação que a pessoa tem com este espaço. Ou seja, a percepção da *rua* está relacionada, entre outros, ao seu objetivo naquele espaço, à ação do sujeito, assim como ao modo como ele se locomove - a pé, de ônibus ou de carro e ainda está condicionada às representações anteriores que ele possui da rua. Conhecer estas representações foi um dos objetivos que nossa pesquisa procurou responder, no intuito de compreender o significado que a rua tem para o gazeteiro e se este sujeito, que passa várias horas por dia nesse ambiente de trabalho, considera a rua como um espaço de risco.

### 3.1 O ambiente da rua

Atualmente, a noção de rua reúne um leque de significações: pode designar espaços, práticas urbanísticas, acontecimentos, significando também a fusão do espacial e do social, bem como as contradições que atravessam o espaço público, pois a rua é um espaço público por excelência.

Porém, a rua nem sempre foi considerada como um espaço público com representações variadas. Prova disso é a análise da palavra rua nos dicionários de língua portuguesa. A rua era lugar de passagem do cidadão, lugar

ordenado, esquadrinhado, conforme os “ofícios”. No século XVIII, passa a ser lugar de passeio, no qual convive uma diversidade social complexa, marcada por comportamentos de exibição, de flerte e de vadiagem, irrompendo aqui e ali alguns conflitos. No final do século XIX, a *rua* começa a ser nomeada como espaço público, em oposição ao espaço privado (casa).

A palavra rua ganha o sentido de público, quando o corpo social passa a ser relacionado ao espaço urbano. Ela passa a designar também um determinado conjunto de habitantes, um grupo ou uma determinada classe social.

Essas representações sociais são caracterizadas em movimento no espaço urbano, movimento em que se nota a oposição entre espaços públicos e espaços privados. Deste modo, os sujeitos aparecem em seus movimentos de passagem (ir para a rua, sair da rua, ficar na rua, pôr na rua, rua!) entre o espaço público (a rua) e o espaço privado, sendo este representado pela casa e pelo trabalho (Orlandi, 2001, p.105).

Para Orlandi (2001), a partir do século XVIII, ocorre um desgaste da ordem pública, que passa a ser vista como moralmente inferior, até o espaço da rua tornar-se, mais recentemente, de um lado um espaço sem sociabilidade, o espaço do trânsito e da circulação e, de outro, o espaço da representação de uma classe “inferior”, com todos os sentidos figurados e pejorativos que daí advêm. Além disso, a rua era considerada, nesta fase, como um modo bem-sucedido de

ordenação da cidade ou como um espaço organizado, servindo também como um cenário de desordens sociais.

A rua passa então a ser um elemento do urbanismo. Com isso, há a sua introdução como lugar de “comércio”. Em resumo, circulação, planejamento, vadiagem, e comércio são hoje noções ligadas ao termo rua.

Segundo Orlandi (2001), a rua é vista como uma dimensão concreta da espacialidade das relações sociais e, mais do que isso, no espaço das ruas se tornam perceptíveis as formas de apropriação, nelas se afloram as diferenças e as contradições que envolvem o cotidiano, enfim, as ruas se revelam como elemento importante de análise da sociedade.

A partir disso, emergiu a importância de analisarmos a espacialidade da rua, pois para alguns a rua é simplesmente passagem, enquanto que para outros a rua é mais do que um itinerário, ou seja, é um espaço de trabalho. Para o gazeteiro, a rua revela-se como palco de contínuos acontecimentos, em movimento constante, por isso nela a vida social se manifesta. Além disso, a *rua* guarda em si uma “vivacidade”, passando a ser o grande palco das sucessivas cenas e dramas, enfim, um local de encontro, o *lócus* das diversas representações da sociedade e da socialização.

### 3.2 O espaço da *casa* versus o espaço da *rua*

Da Matta (1991) faz comentários sobre a distinção entre o espaço da *casa* e da *rua* no Brasil, com o objetivo de nos mostrar que nestes espaços o sujeito tem comportamentos, atitudes, posturas, percepções e representações diferentes. Para ele, a *casa* (espaço privado) e a *rua* (espaço público) são entidades morais, esferas de ação social, províncias éticas dotadas de positividade, domínios culturais institucionalizados e diferentes e, por causa disso, capazes de despertar emoções, reações, leis, orações, músicas e imagens esteticamente emodulradas e inspiradas.

Em *casa* podemos fazer coisas que são condenadas na *rua*. Em *casa* somos todos “supercidadãos”. Na *rua*, segundo Da Matta (1991), sempre somos indivíduos anônimos e desgarrados, somos quase sempre maltratados pelas chamadas “autoridades” e não temos nem paz, nem voz:

Somos rigorosamente “subcidadãos”. Não somos efetivamente capazes de projetar a *casa* na *rua* de modo sistemático e coerente, a não ser quando recriamos no espaço público o mesmo ambiente caseiro e familiar (DA MATTA, 1991, p. 22).

Não há dúvida, para Da Matta (1991), de que fica cada dia mais complicado viver numa sociedade onde se tem uma cidadania em *casa* e outra

ainda – essa tremendamente negativa – na *rua*. Da Matta (1991) afirma que, embora existam muitos brasileiros que falem uma mesma coisa em todos os espaços sociais, o normal – o esperado e o legitimado – é que *casa* e *rua* demarquem fortemente mudanças de atitudes, de gestos, de roupas e assuntos, mudanças de papéis sociais e de quadro de avaliação da existência em todos os membros da nossa sociedade.

Se a *casa* é o espaço de calma, repouso, recuperação e hospitalidade, enfim, de tudo aquilo que se soma e define a nossa idéia de “amor”, “carinho” e “calor humano”, a *rua*, para o autor, é um espaço definido precisamente pelo inverso: é um local perigoso onde encontramos violência, motoristas imprudentes e pessoas querendo nos ludibriar. Neste sentido, a *rua* é caracteristicamente o espaço do homem, por oposição a *casa*, espaço feminino, pois é ele quem está mais “aparelhado” para lidar com a agressão e com o perigo.

Esta atribuição de gênero aos espaços também é visível através da atividade dos gazeteiros que são, em sua maioria, homens. O perigo e a insegurança da rua fazem com que a mulher procure um trabalho que lhe proporcione um ambiente mais acolhedor e com menos riscos.

A partir das colocações de Da Matta (1997), torna-se interessante analisar a percepção do gazeteiro acerca da rua, tendo em vista que a rua é o seu espaço de trabalho.

## Capítulo 04

# RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS

Passamos a apresentar os resultados desta pesquisa, expondo inicialmente os elementos colhidos nas entrevistas e nos questionários, com o grupo de 135 gazeteiros, para, em seguida, mostrar os dados obtidos pelos grupos focais, à medida que buscamos estabelecer relações com o referencial teórico apresentado.

### 4.1 O perfil socioeconômico do gazeteiro de Fortaleza

Essa pesquisa, em termos gerais, teve como objetivos conhecer, identificar e analisar o perfil socioeconômico do gazeteiro de Fortaleza. Como objetivos mais específicos, a pesquisa buscou caracterizar o seu ambiente familiar, sua renda, suas condições de moradia e sua situação educacional.

Através dessa pesquisa, foi possível delinear com mais precisão o perfil do vendedor de jornal e, assim, avaliar e analisar seus pensamentos, atitudes e modos de agir.

Num primeiro momento, uma das minhas atribuições foi a elaboração de um questionário, para que eu pudesse conhecer a condição de vida dos gazeteiros. Enfim, resolvi fazer um total de 50 questões abertas.

Num segundo momento, conversei informalmente com gazeteiros da empresa jornalística que eu estava fazendo uma pesquisa através de um questionário. Pedi a eles que quem tivesse interesse em participar da pesquisa me falasse, assim eles ficaram à vontade para se candidatar a responder o questionário. Na realidade, eu tinha a pretensão de fazer essa pesquisa com todos os gazeteiros da empresa, ou seja, com 220 sujeitos. Porém, consegui coletar os dados através de 135 gazeteiros, pois alguns tinham outras atividades após o término do trabalho, logo não compareceram à pesquisa.

Seria válido informar que a amostra contou com gazeteiros de diversos bairros de Fortaleza, como também de várias faixas etárias, raça, sexo e cor, visando dar uma maior abrangência e representatividade aos resultados da pesquisa.

Num terceiro momento, houve a coleta e a tabulação dos dados.

## Dados Básicos

**TABELA 1**  
Idade

<b>Idade</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
16 a 20 anos	42	31,1
21 a 25 anos	49	36,2
26 a 30 anos	27	20
31 a 45 anos	09	6,6
Acima de 35 anos	08	5,9
<b>Total</b>	<b>135</b>	<b>100</b>

Fonte: pesquisa de campo, 2005

Percebe-se que a maioria dos gazeteiros é jovem, pois 69,9% têm entre 16 e 25 anos de idade.

**TABELA 2**  
Sexo

<b>Sexo</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
Masculino	130	96,2
Feminino	05	3,7
<b>Total</b>	<b>135</b>	<b>100</b>

Fonte: pesquisa de campo, 2005

96,29% dos gazeteiros entrevistados são do sexo masculino e apenas 3,7% do sexo feminino, indicando que a venda de jornal na *rua* é uma atividade predominantemente masculina.

**TABELA 3**  
Estado Civil

Estado Civil	Nº	%
Solteiro	89	65,9
Casado	07	5,1
União Estável	37	27,4
Viúvo	02	1,4
Total	135	100

Fonte: pesquisa de campo, 2005

Como o vendedor de jornal, em sua maioria, é jovem, o índice de pessoas solteiras também é maior em relação ao número de casados. Entretanto, é válido salientar que quase um terço dos gazeteiros têm filhos e vive maritalmente, confirmando o perfil do jovem das classes populares.

A família do gazeteiro, geralmente, é numerosa. Segundo seus relatos, eles moram quase sempre com a mãe, avós e irmãos.

Tendo em vista que o local de origem pode influenciar na percepção destes sujeitos, atentamos para o conhecimento de sua naturalidade. Verificamos que cerca de 82% dos gazeteiros são nascidos em Fortaleza e a maioria deles vive na periferia da cidade.

Em relação ao nível de instrução do gazeteiro, constatamos que é precário. Cerca de 74,6% têm o 1º grau incompleto. Esse fato ocorre, principalmente, devido à necessidade que ele tem de começar a trabalhar cedo para ajudar na renda familiar, deixando os estudos em segundo plano.

## Trabalho e Renda

**TABELA 4**  
Renda Familiar

<b>Número de pessoas que contribuem para a renda familiar</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
1 pessoa	48	35,5
2 pessoas	56	41,4
3 pessoas	26	19,2
Acima de 3 pessoas	05	3,7
<b>Total</b>	<b>135</b>	<b>100</b>

Fonte: pesquisa de campo, 2005

**TABELA 5**  
Chefe da Família

<b>Quem é o chefe da família?</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
Mãe	27	20
Pai	27	20
Irmão	07	5,1
O próprio	55	40,7
Outros (tio, avós)	19	14
Total	135	100

Fonte: pesquisa de campo, 2005

A maior parte da renda familiar do gazeteiro é obtida através do próprio trabalho dele. O gazeteiro não tem vínculo empregatício com a empresa. Sua renda é obtida através da comissão da venda de jornal. Por isso, ele não tem obrigação de trabalhar todos os dias, porém o que ocorre é que grande parte deles trabalha diariamente para não perder a venda de um dia.

Segundo os depoimentos dos vendedores, os pais, irmãos ou esposa ajudam a contribuir para as despesas da casa. Mas a renda da família do vendedor gira em torno de 1 salário-mínimo.

O gazeteiro, por começar a trabalhar desde cedo para ajudar na constituição da renda familiar, abandona os estudos e dificilmente volta a estudar.

Por isso, o índice de vendedores com o 1º grau incompleto é alto. Além disso, eles acabam sendo o “chefe” da família.

**TABELA 6**  
Ser Gazeteiro

<b>Gosta de ser Gazeteiro?</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
Sim	121	89,6
Não	14	10,3
Total	135	100

Fonte: pesquisa de campo, 2005

Durante a coleta de dados, ficou nítida a questão do prazer dos sujeitos em trabalhar como gazeteiro. Este fato me chamou a atenção, tendo em vista que 93% dos entrevistados comentaram que gostam de ser vendedores de jornal porque ganham dinheiro e fazem amizades, apesar de terem que acordar cedo, trabalhar com riscos de assaltos e atropelamentos e outros fatores que possam dificultar o trabalho.

### **Condições de Moradia**

Geralmente, a casa do gazeteiro é pequena e com poucos cômodos. A residência é própria, sendo revestida com tijolo e em 98% dos casos é somente residencial.

A iluminação é elétrica e o abastecimento de água é realizado através da Cagece. O lixo é recolhido através de coleta pública direta e há rede de esgoto.

Nas questões relacionadas à moradia do gazeteiro, observamos que, apesar desse sujeito ter uma vida simples, ou seja, pertencer à classe baixa da sociedade, ele possui condições razoáveis de moradia e de saneamento básico.

### **Condições de Alimentação**

Em relação a alimentação do gazeteiro percebemos que ele tem refeições tradicionais, ou seja, há o arroz, macarrão, ovo. Sendo assim, ele procura fazer refeições, pelo menos, três vezes ao dia.

Apesar dos relatos de que a alimentação ocorre com frequência no decorrer do dia, cerca de 40,7% dos gazeteiros explicitou que já passou fome em algum momento da vida e quando isso acontecia, o mais comum era procurar “bicos” ou pedir esmolas ou ajuda nos sinais da cidade.

Atualmente, a situação de fome para o gazeteiro é rara, pois segundo os mesmos, a venda de jornal lhes proporciona uma renda que supre a necessidade de uma alimentação básica.

### **Uso de Drogas**

Segundo a coleta de dados realizada através do questionário, cerca de 63,7% dos gazeteiros entrevistados respondeu que já consumiu ou consome droga e a mais freqüente delas é a maconha.

Logo, a relação à questão do uso de drogas, nota-se que o índice de consumo é considerável e o gazeteiro que é usuário, geralmente, inicia o vício por influência dos seus colegas.

## Meios de Comunicação

**TABELA 7**  
Meios de Comunicação

<b>Acesso aos meios de comunicação?</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
Rádio	14	10,3
Jornal	43	31,8
Televisão	64	47,4
Revista	04	2,9
Telefone	10	7,4
<b>Total</b>	<b>135</b>	<b>100</b>

Fonte: pesquisa de campo, 2005

O acesso dos gazeteiros aos meios de comunicação se dá 93,84% pela televisão; 88,46% pelo jornal e 83,84% pelo rádio, logo percebe-se que as informações são obtidas diariamente, fazendo com que os vendedores de jornal sejam pessoas que estão bem situadas em relação aos acontecimentos e às notícias.

## Lazer

Apesar de o gazeteiro não possuir uma condição financeira elevada, ele também tem seus momentos de lazer. É comum o gazeteiro se divertir jogando futebol com os amigos, indo à praia com a família ou ouvindo música.

## Projeto de Vida e Sonho

**TABELA 8**  
Projeto de Vida

<b>Qual o seu projeto de vida?</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
Conseguir um emprego melhor	39	28,8
Emprego de carteira assinada	27	20
Concluir os estudos	12	8,8
Adquirir casa própria	10	7,4
Fazer faculdade	08	5,9
Trabalhar por conta própria	07	5,1
Voltar a estudar	03	2,2
Não sabe dizer ou não tem	13	9,6
Outros	16	11,8
<b>Total</b>	<b>135</b>	<b>100</b>

Fonte: pesquisa de campo, 2005

**TABELA 9**  
Sonho

<b>Qual é o seu maior sonho?</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
Melhorar de vida e viver bem	44	32,5
Ter casa própria	23	17
Conseguir emprego com carteira assinada	27	20
Ajudar a família	13	9,6
Casar e constituir família	09	6,6
Ter carro/moto	09	6,6
Ser jogador de futebol	04	2,9
Ganhar na loteria	03	2,2
Outros	03	2,2
Total	135	100

Fonte: pesquisa de campo, 2005

Na pesquisa realizada, foram expostas questões de cunho subjetivo. Foi abordado sobre o projeto de vida de cada gazeteiro. Grande parte dos gazeteiros comentou sobre ter um emprego melhor e ter a carteira assinada. O que se percebe é que eles sentem prazer em vender jornal, mas há o desejo de pertencer a uma profissão reconhecida, ou seja, legalizada, regida pela CLT (Código de Leis Trabalhistas), pois, na verdade, eles prestam serviço para as empresas jornalísticas, mas não existe nenhum tipo de vínculo empregatício com essas empresas.

Durante a pesquisa, constatei através dos relatos dos gazeteiros, que levantar na madrugada para trabalhar várias horas por dia, expor-se ao sol e à chuva, vivenciar os perigos da vida urbana, sacrificar os estudos são alguns

traços do contexto da vida do adolescente e do adulto que vendem jornal nas *ruas* e nos semáforos de Fortaleza. Eles residem nos bairros periféricos da cidade e são oriundos de família de baixo poder aquisitivo, cuja saída rumo ao mercado de trabalho informal decorre de dois fatores: da pobreza do núcleo familiar e da falta de qualificação profissional.

No primeiro fator, o que se observa, pelos dados coletados através da pesquisa, é que a inclusão dessa mão-de-obra no mercado de trabalho não decorre basicamente de uma imposição de membros da família como pai, mãe ou irmãos. A disponibilidade para esse trabalho está associada às estratégias para assegurar sua própria sobrevivência, para aumentar a renda familiar, porque gosta de trabalhar. No segundo fator, comprova-se que o mercado de trabalho não exige níveis de qualificação específica para o exercício da atividade de jornaleiro, além de que a informalidade e a natureza das relações de trabalho abrigam com facilidade adolescentes e adultos.

Constatou-se, quanto ao local de trabalho, que a grande maioria tem os semáforos como ponto de venda dos jornais porque é um local estratégico, tendo em vista que os motoristas param os veículos e têm a oportunidade de perceber a presença do gazeteiro vendendo o jornal e adquirir as notícias do dia. Em decorrência do horário em que têm que estar disponíveis para o trabalho, muitos gazeteiros afirmaram durante a aplicação do questionário que passam por situações de risco, sendo que as mais comuns são: assalto, atropelamento, rivalidade entre “gangues”.

Dentro do próprio grupo de gazeteiros, parece haver dominância dos sentimentos de amizade e cooperação mútua. A competição negativa (rivalidade) se dá, segundo o discurso dos entrevistados, mais enfaticamente entre os gazeteiros com menos tempo de trabalho, isto é, até seis meses, o que é compreensível, tendo em vista o curto período de convivência para o estabelecimento de vínculos de solidariedade mais sólidos. Geralmente, a rivalidade decorre da disputa empreendida para uma melhor venda ou por problemas pessoais.

Ficou nítido que a entrada precoce do adolescente no mercado de trabalho informal depende, de um lado, da posição que este ocupa na estrutura familiar e da posição que essa família ocupa na estrutura social mais ampla e, por outro, das próprias condições do mercado de trabalho. Neste contexto de reestruturação produtiva e de perda de poder de compra da classe trabalhadora, a absorção do adolescente pelo mundo do trabalho tem assumido um papel relevante na sustentação da sobrevivência da célula familiar, que passa a depender cada vez mais do seu trabalho.

A busca de outro tipo de trabalho pelo gazeteiro deve ser vista sob vários matizes. Há a dificuldade de inserção em um mercado de trabalho cada vez mais competitivo, em que o nível de qualificação e a experiência são fatores determinantes, o que não lhes é plausível dada a pouca idade. Isto poderia estar associado a um elevado patamar de conformismo, o que o impede de buscar melhoras. Outro aspecto diz respeito à jornada de trabalho que a atividade

apresenta, liberando tempo para outros afazeres, já que o término do trabalho gira em torno de meio-dia.

O grande sonho de adolescentes reproduz, de certa forma, o sentimento de pertencer a uma camada da sociedade, cuja possibilidade de ascensão é limitada pela imensa desigualdade na distribuição de renda.

A seguir, estão reunidos alguns depoimentos que traduzem os sonhos dos gazeteiros com relação a sua vida futura, refletindo um sentimento de esperança, mesmo diante de um futuro incerto.

Um bom emprego, um bom salário, um trabalho digno e honesto para ajudar meus pais e irmãos menores (Júnior, 20 anos).

Queria ser jogador de futebol profissional e fazer faculdade (Francisco, 28 anos).

Trabalhar por conta-própria, ter a minha padaria e poder ajudar a minha família e terminar meus estudos. Também gostaria de ter minha casa própria e ter minha família (Xavier, 26 anos).

Espero conseguir um emprego com carteira assinada, possuir minha casa própria e ter uma família, também terminar meus estudos para ter uma vida melhor para ajudar a família (José, 19 anos).

Diante desses depoimentos é interessante observarmos que “os sonhos” se repetem no sentido do desejo de ter uma vida financeira estável, um emprego que garanta uma estabilidade e condições dignas de vida para ajudar a família.

Como conclusão da pesquisa realizada com gazeteiros de Fortaleza, percebeu-se que estes trabalhadores, em sua grande maioria, têm o 1º grau incompleto e afirmaram ter o hábito de ler o jornal que vende.

Geralmente, as pessoas que vendem jornal na rua começam a trabalhar nessa área devido a necessidades financeiras e ao desejo de ingressarem no mercado de trabalho, mesmo não sendo através de carteira assinada.

#### 4.2 O que é ser gazeteiro

A palavra gazeteiro possui significados variados conforme a região do Brasil. Em Fortaleza, o gazeteiro é aquele que vende jornal, tem como espaço de trabalho a rua e presta serviço a uma empresa jornalística. O gazeteiro, segundo a DRT (Delegacia Regional do Trabalho), deve ter a idade mínima de 18 anos, mas não é difícil encontrarmos crianças trabalhando na venda em busca de uma remuneração para a família, apesar das empresas jornalísticas tentarem combater esse processo.

A venda do jornal na rua sofreu algumas transformações ao longo do tempo. Outrora, quem fazia o jornal era também quem o divulgava. Em seus primórdios, os jornais adotavam a forma de tablóide, as notícias eram locais e em menor número, assim como o número de pessoas envolvidas em sua produção. Porém, ao longo do tempo, a divulgação de notícias e, por conseguinte, a produção de jornais foi se modificando. Com o aumento da tiragem e do volume de páginas, a circulação dos jornais também aumentou, havendo uma separação entre o processo de produção e de distribuição de notícias, necessitando assim de um grande número de pessoas responsáveis por cada um destes processos.

Atualmente, a distribuição é feita através da entrega domiciliar e da venda avulsa. As empresas jornalísticas têm áreas específicas espalhadas na cidade onde os jornais chegam do setor de Expedição. Cada área possui um coordenador e um grupo de entregadores que fazem a entrega domiciliar aos assinantes de acordo com um roteiro estabelecido pela empresa.

Já a venda avulsa é dividida em dois setores: a venda nas bancas e pontos alternativos (padarias, supermercados, farmácias etc.) e a venda realizada pelos gazeteiros. No primeiro setor, o estabelecimento que deseja vender o jornal precisa fazer um cadastro na empresa jornalística para ter a autorização para receber e vender o jornal. No segundo, o vendedor ou gazeteiro necessita de um cadastro na empresa jornalística.

Apesar do papel importante que tem na distribuição, o gazeteiro é um trabalhador informal, sem vínculo empregatício: ele é um prestador de serviço,

sem carteira assinada. Sua remuneração é obtida através de comissão pela venda que faz. Diante dessa situação, o gazeteiro, muitas vezes, expressa desconforto, pois se sente “desvalorizado” no mercado de trabalho; a necessidade de um rendimento para viver, entretanto, o faz permanecer nesta atividade. Contrariamente, para as empresas jornalísticas, essa forma de contrato é interessante, pois diminui suas despesas com impostos.

Apesar da precariedade do vínculo, as empresas jornalísticas têm consciência da importância do trabalho do gazeteiro, pois há investimentos e custos para manter esse setor em funcionamento.

Cada gazeteiro presta serviço para uma empresa jornalística específica, mas, geralmente, faz acordo com seus companheiros de *rua*, que trabalham para empresas concorrentes, e passa a oferecer e vender qualquer um dos jornais disponíveis. O que importa para estes sujeitos é não perder a venda. As empresas tentam combater tal comportamento através de argumentação amigável, mas não conseguem convencê-los, pois isso significa uma diminuição de seu lucro.

A atividade de venda de jornal na *rua* ocupa uma jornada que varia de 06 horas a 08 horas de trabalho de segunda a domingo. As empresas jornalísticas têm interesse que o gazeteiro trabalhe todos os dias, porém, caso o vendedor tenha somente a disponibilidade de trabalhar uma vez por semana, as empresas aceitam este sujeito, tendo em vista que, mesmo não vendendo diariamente, ele também vai trazer lucro para a empresa.



FIGURA 1: O trabalho do gazeteiro.  
Fonte: arquivo pessoal, 2006.

O dia de trabalho do gazeteiro começa às três horas da manhã, pois o jornal é impresso na madrugada para chegar o mais cedo possível nas mãos dos leitores. Além disso, existem rotas de distribuição do jornal. Estas são feitas pelo transporte da empresa, que sai às três horas da manhã, pegando os gazeteiros nas suas casas e deixando-os nos pontos determinados. Na descrição sobre sua rotina, os gazeteiros disseram que chegam ao “seu ponto”, geralmente, às cinco horas da manhã, e começam a vender para seus “clientes fixos” e para as pessoas que passam a pé ou de carro. A maioria dos gazeteiros tem clientes tradicionais, eles dizem que: “apesar da concorrência que é grande, todos têm espaço para trabalhar”.

Quanto ao ganho apurado, o valor varia entre R\$ 9,00/dia e R\$ 15,00/dia, líquido pois as empresas jornalísticas dispõem de veículos para transportá-lo também na volta do trabalho.

Os gazeteiros disseram, durante as entrevistas e nos grupos focais, que a venda avulsa de jornal na rua, antigamente, era melhor do que a de hoje e que isso se deve a vários fatores: ao aumento do preço do jornal (atualmente é R\$ 2,00 de segunda a sábado e R\$ 2,50 aos domingos), ao número de assinantes, que também tem aumentado devido às campanhas promocionais, e o jornal, atualmente, pode ser lido através da Internet, logo alguns leitores que compravam o jornal impresso preferiram optar por ler as notícias pelo computador.

É perceptível o tom de orgulho com que o gazeteiro se refere ao seu trabalho e isso se apresenta proporcionalmente à precariedade das condições de vida, ou seja, a intensidade da luta cotidianamente vivida. O orgulho parece estar vinculado ao fato de o sujeito exercer uma atividade (mesmo não sendo através de carteira assinada) e com isso ter um ganho para sustentar a sua família.

Sobre a realidade da vivência dos entrevistados, no que diz respeito ao trabalho na rua, alegaram o seguinte: “gostamos de trabalhar na rua porque trabalhamos à vontade, todos são amigos”.

Para os que trabalham todos os dias, segundo os entrevistados, a *rua* “tanto serve para o sustento, como serve para distrair e ocupar a mente, passar o tempo”.

Quando questionados sobre “se não fossem gazeteiros o que seriam”, alguns responderam que iriam trabalhar com outras atividades que sabem fazer como: garçom, contínuo, lavador de carro; já outros responderam que “não saberiam o que fazer”.

Na maioria dos casos, os gazeteiros tomam café-da-manhã no próprio lugar de trabalho, revelando um cotidiano onde não se tem um horário determinado para fazer as refeições com a família. Percebe-se, através disso, que o espaço de trabalho se mistura com o da casa.

Quanto à questão da violência e dos riscos no trabalho, eles reclamaram da insegurança nas ruas, da falta de policiamento e dos riscos de atropelamento em função de motoristas imprudentes.

### 4.3 Discussão

A partir das entrevistas e dos grupos focais, foi verificado que, para o gazeteiro, a rua é percebida e representada, basicamente, sob três prismas:

#### a) Rua: O espaço do trabalho

Ao serem questionados sobre o significado que a rua tem para eles, os gazeteiros do grupo relacionaram, de imediato, a rua ao trabalho. É unânime a fala

de que a rua é o local onde eles ganham dinheiro para sobreviver e sustentar suas famílias. É na rua onde eles vendem as notícias para a população da cidade, ou seja, é também por intermédio do trabalho do gazeteiro que as pessoas se informam sobre os acontecimentos no mundo.

Para mim, trabalhar na rua significa conhecer pessoas e ganhar dinheiro. Eu me sinto a vontade, tomo café com meus fregueses e acho o ambiente bom (Fernando, 24 anos).

A rua é violenta, mas também é uma escola porque a gente aprende a se virar (Júlio, 19 anos).

Além disso, é através da rua que o gazeteiro, às vezes, consegue outras oportunidades de trabalho (em expedientes diferentes), tais como: ser garçom, lavar carros, cuidar do quintal dos clientes, ser pintor, servente, zelador, e isso gera uma renda complementar para ele.

O trabalho da venda de jornal, para o gazeteiro, corresponde também a ter que vencer desafios diariamente. A venda lhe traz benefícios (renda, lazer, socialização), porém, às vezes, o gazeteiro tem que enfrentar preconceitos por estar num ambiente como a rua. Não foi difícil ouvirmos dos gazeteiros que, em algumas situações, eles são vistos e tratados pelas pessoas como se fossem marginais ou assaltantes. Paralelo a isso, também ocorre discriminação por causa

da cor, da raça e do nível socioeconômico, pois, como constatamos através da pesquisa socioeconômica, estes sujeitos pertencem, em sua maioria, à classe baixa da sociedade, logo, são pessoas humildes com baixa escolaridade.



FIGURA 2: A conquista do cliente.  
Fonte: arquivo pessoal, 1997.

Segundo relatos de gazeteiros, até pelo olhar e pela atitude das pessoas frente à presença do gazeteiro dá para perceber quando existe o preconceito, pois, geralmente, os motoristas fecham o vidro do carro, quando percebem que o gazeteiro está se aproximando.

Ns grupos focais, alguns gazeteiros, como foi citado, dizem que passam por situações de perigo nas ruas e que trabalham com medo da violência urbana.

A violência urbana pode ser definida como sendo a expressão que designa o fenômeno social de comportamento deliberadamente transgressor e agressivo ocorrido em função do convívio urbano. A violência urbana tem algumas características que a diferenciam de outros tipos de violência; e se desencadeia em conseqüência das condições de vida e do convívio no espaço urbano. Sua manifestação mais evidente é o alto índice de criminalidade; e a mais constante é a infração dos códigos elementares de conduta civilizada.

O aumento da exclusão social também é um fator que contribui para a violência urbana. O pobre, por exemplo, é representado pelos segmentos mais favorecidos como um bandido em potencial, portanto, um indivíduo perigoso. A sociedade, geralmente, associa o marginal ao pobre, por isso, às vezes nos deparamos com pessoas que relacionam quem trabalha nas ruas com marginais.

Os gazeteiros também são vítimas da violência urbana, principalmente dos assaltantes, tendo em vista que estes observam quando o sujeito tem o dinheiro da venda de jornal e aproveitam a oportunidade para rendê-lo.

Alguns gazeteiros comentaram que sentem dificuldade de lidar com o trânsito, pois a existência de motoristas imprudentes que não respeitam os sinais e as leis do trânsito contribui para o aumento do número de atropelamentos de pedestres e também das pessoas que têm a rua como ambiente de trabalho. Segundo os gazeteiros, é comum encontrarmos vendedores de jornal que são vítimas de atropelamento durante o trabalho.

Os gazeteiros pontuaram que trabalham num ambiente onde há muita poluição sonora e do ar. Eles afirmam que o som e a fumaça dos carros, das construções, das sirenes e outros tipos de ruídos são, às vezes, incômodos no momento do trabalho.

De fato, existe uma associação entre o ruído urbano e seus efeitos no organismo humano. A exposição contínua a ruídos pode causar distúrbios psicofisiológicos diversos, independente da idade, tais como distúrbios no sono, diminuição da performance laboral, hipertensão, agravamento de doenças cardiovasculares.

Torna-se difícil ter que trabalhar num ambiente onde há perigo de assalto, atropelamento, com barulho e poluição. Porém, o que me chamou a atenção durante as conversas com os gazeteiros foi que, apesar de a *rua* ter esses pontos negativos e os desafios diários, eles gostam do que fazem e há uma satisfação e um prazer na fala e no rosto deles, quando comentam sobre seu trabalho, o que pode ser atribuído ao fato de sua percepção e uso da rua ser comparado a um espaço de lazer.

#### a.1) Representação sobre o que é ser gazeteiro

Em todos os grupos focais foi unânime o discurso de que ser gazeteiro é um trabalho como outro qualquer, ou seja, apesar de ser uma atividade onde o

sujeito não tem a carteira de trabalho assinada pela empresa jornalística, ele acha que ser vendedor de jornal é uma profissão como outra qualquer.

A fala de um participante revelou satisfação em ser gazeteiro:

Ser gazeteiro, não é ter um bico, é um trabalho sério e diário. Nós temos deveres, metas de venda e horário para cumprir.

Outro gazeteiro de 30 anos complementou dizendo:

É lógico que eu me considero um trabalhador (...) faço meu trabalho dignamente, não preciso roubar de ninguém, o meu dinheiro é muito suado.

Outra fala de um gazeteiro de 36 anos nos chamou atenção devido a empolgação pela atividade que exerce:

Eu agradeço todos os dias por ter esse trabalho (...) eu acho que eu nasci para isso, não sei fazer outra coisa (...) apesar dos perigos de ter que sair de casa de madrugada e sofrer assaltos, a gente aprende a viver (...) A gente vê cada coisa na rua que até Deus duvida (...) eu adoro ser gazeteiro (...).



FIGURA 3: Participantes dos grupos focais.  
Fonte: arquivo pessoal, 2006.

Durante os relatos sobre “ser gazeteiro” ficou nítido que eles gostam do trabalho que exercem. Mas, também em vários momentos dos grupos emergia o discurso do desejo de ter a carteira de trabalho assinada como gazeteiro. Um vendedor comentou :

A gente só queria ter a nossa carteira assinada (...) é tão bom a gente ter um trabalho legalizado, respeitado de verdade e que a gente possa ter nossas garantias de 13º salário, férias (...) a gente ia trabalhar mais feliz.

Um gazeteiro de 24 anos complementou o discurso dizendo:

Às vezes a gente tem vontade de ter outro trabalho não é porque a gente não goste de ser gazeteiro, mas é que a gente tem vontade

de ter um trabalho legalizado, que a gente possa mostrar para as pessoas que nós somos vendedores e que também fazemos parte de uma empresa (...) tem gente que deixa de ser gazeteiro por isso, mas não porque é ruim ser gazeteiro.



FIGURA 4: Momento dos relatos no grupo focal.  
Fonte: arquivo pessoal, 2006.

Nos depoimentos dos grupos nota-se que ser gazeteiro, não está associado à obrigação e sentimentos de castigo, sofrimento, pena, cruz que se carrega. Ao contrário disso, este trabalho dignifica a vida e possibilita o desenvolvimento da criatividade e inventividade porque o sujeito acaba aprendendo a lidar com as pessoas, a ter “técnicas” para vender e a se sentir útil para a sociedade.

## a.2) Significado do trabalho

No que se refere ao significado do trabalho, diversos elementos comuns surgiram no discurso dos participantes dos grupos. O trabalho, para o gazeteiro, é símbolo de muita luta diária. Todo o esforço pela venda de jornal é algo que lhe dá prazer, pois ele diz que consegue satisfazer o cliente e obter o seu ganho. Embora tenhamos identificado experiências diversas entre os participantes, também foi mencionado nos três grupos que o trabalho do vendedor de jornal também é visto por eles, como uma necessidade de sobrevivência, pois o sujeito precisa trabalhar para ter uma renda e sustentar sua família. Geralmente, o indivíduo entra no ramo da venda de jornal porque não há exigência de escolaridade, idade, raça, cor e sexo pelas empresas jornalísticas, logo o sujeito tem a oportunidade de ingressar no mundo do trabalho.

Pudemos identificar expressões utilizadas por eles para definir seus pensamentos em relação ao trabalho: “luta”, “esforço”, “dedicação”. Vejamos o que diz um participante de vinte e três anos:

Eu acordo muito cedo, saio 4:00h da manhã para vender meu jornal e conquistar meu dinheiro e meus clientes. (...) é um trabalho de luta que precisa de força de vontade. (...) não é fácil passar quase a manhã toda correndo entre os carros para tentar apurar um dinheirinho (...) é uma loucura!

Segundo Mascarenhas (2002), o trabalho representa para o indivíduo a consciência de pertencer a determinado grupo social e a carga afetiva que isso implica. Ser gazeteiro significa pertencer a determinado grupo, valorizar-se, ser valorizado, situar-se no mundo de alguma forma, estabelecendo relações consigo e com o outro. Não se pode menosprezar o papel que o trabalho exerce na identidade do trabalhador. Está também em jogo um sentimento de pertença social e de valorização, inclusive auto-valorização.

Podemos perceber que a articulação entre identidade e trabalho é parte fundamental da inserção no mundo das relações sociais. O mundo concreto do trabalho constitui-se em uma mediação por excelência entre os mundos da individualidade e da coletividade.

Em relação a importância do trabalho outro participante do grupo comentou:

Eu passo a manhã vendendo meus jornais (...) é bom ter um trabalho porque a gente se sente útil (...) falar da inclusão social!!! é ruim ficar em casa só pensando ou fazendo besteira (...) o trabalho faz a gente dar valor ao que a gente tem (...) cada dia é gratificante quando a gente consegue vender e apurar o dinheiro para a nossa família.

Um participante que é gazeteiro há 23 anos comentou:

Gosto do que eu faço (...) eu represento a empresa na rua (...) é um trabalho de sacrifício, mas ajuda muito a gente a aprender a viver (...) se não fosse o meu trabalho não sei o que seria de mim (...).

Segundo Codo (1993), o homem produz sua própria existência na medida em que trabalha, arquitetando a estrutura social com suas próprias mãos.

Através dos relatos nos grupos com os gazeteiros constatamos a necessidade do vendedor de trabalhar para cooperar com a família.

Para o gazeteiro, vender jornal na rua gera a sensação de estar sendo útil para a sociedade. Além disso, é nesse trabalho que o sujeito começa a ter autonomia, integração social e um caminho para uma melhoria de vida.

Algumas pessoas iniciam sua vida profissional como gazeteiro e, através das vivências na área de vendas e atendimento à clientes, conseguem outras oportunidades de trabalho. O trabalho, diante dos discursos apresentados nos grupos focais, é visto pelo gazeteiro como uma via de acesso às oportunidades de participação social, pois a rua pode ser pensada como um elemento revelador a partir do qual se pode pensar o lugar da experiência, da rotina, dos conflitos, das dissonâncias, bem como, através dela desvendar a dimensão do urbano, das estratégias de subsistência e de vida.

Logo, a rua é também o lugar da realização da cidadania através do trabalho e da luta diária. A rua concretiza as relações e o seu uso liga-se a

idéia de identidade, que se constrói, no lugar, através dessas relações que permitem o desenrolar da vida cotidiana.

### a.3) A luta por espaço na rua

Os gazeteiros utilizam um espaço que é público para trabalhar e tentam conquistar um território. Eles estabelecem entre si os limites territoriais onde cada vendedor tem “seu ponto” de trabalho. Nesses territórios as regras são claras e a organização do trabalho é explícita. Há normas que eles mesmos estabelecem para a divisão do trabalho. Por isso, o gazeteiro precisa estar atento e disponível para garantir seu trabalho, pois caso contrário, o espaço será conquistado por outros. Com isso, ocorre um processo de “apropriação” de um espaço.

O processo de apropriação pode ser definido como a apoderação, invasão, posse de um determinado espaço. O domínio do local, muitas vezes, está associado a dois fatores: tempo e personalização.

A personalização do espaço de trabalho pode ocorrer de diversas formas. No caso dos gazeteiros é freqüente o uso de jornais e pedras no meio-fio da rua, além da marcação do território pela própria presença física.

O tempo está relacionado à apropriação, pois à medida que o indivíduo permanece diariamente no mesmo local e horário cria-se um hábito. A população acaba por acostumar-se com a presença do trabalhador naquele determinado local.

O gazeteiro evita a invasão dos espaços ocupados pelos “colegas de trabalho”. Porém, caso o espaço permaneça sem ocupação por alguns dias ele certamente será preenchido por outros vendedores podendo ser motivo de disputa e discussões.

Os gazeteiros falaram nos grupos que utilizam mecanismos de defesa contra a invasão de outros vendedores de jornal no “seu espaço”. É interessante perceber que o gazeteiro veterano não permite que outro gazeteiro novato também fique no mesmo local de venda, pois o veterano tenta de varias maneiras (conversando amigavelmente, ameaçando ou agredindo) fazer com que o novato não permaneça no “ponto de venda” e procure outro espaço.

Um participante do grupo comentou que há uma luta acirrada pelo território:

A gente não deixa ninguém tomar nosso ponto(...) se aparecer outro gazeteiro querendo vender a gente pede pra ele sair(...), Se for vendedor de outro produto a gente deixa, sem problema.

Já um gazeteiro de 43 anos disse:

Eu não me incomodo de ter outro gazeteiro no mesmo ponto que eu vendo porque eu vendo jornal há mais de 20 anos, tenho amizade com todos os outros gazeteiros e tenho meus clientes fiéis, mas isso é chato porque a gente pra conquistar um ponto leva tempo (...) eu conheço gazeteiros que não deixam outros trabalharem no mesmo ponto dele.

Nos grupos um gazeteiro mencionou a sensação de ter que lutar por espaço na rua:

A gente tem que suar para garantir nosso espaço na rua (...) é tanta gente agora nos sinais vendendo coisas que as pessoas não tem nem tempo de olhar o que o vendedor está mostrando (...) a gente não pode faltar muito porque senão os fregueses deixam de ver a gente no sinal e acaba comprando jornal de outro gazeteiro ou nas bancas (...) é todo um tempo e uma batalha pra gente conseguir ter um espaço no sinal.

#### a.4) A reação das pessoas

Identificamos no discurso dos grupos que os gazeteiros sentem que as pessoas são receptivas à abordagem deles. Porém, também existe o preconceito e a discriminação e isto é percebido no momento em que o gazeteiro se aproxima dos veículos ou dos transeuntes. Durante as discussões, alguns gazeteiros relataram que são, muitas vezes, confundidos com assaltantes pela população, que, temerosos, fecham os vidros do carro ou atravessam a rua quando visualizam um gazeteiro se aproximando.

Na opinião de um gazeteiro, percebe-se uma realidade de trabalho difícil:

Tem pessoas que pensam que nós somos ladrões e fecham os vidros do carro (...) a gente fica triste com isso, mas a gente entende que a violência na cidade também tá grande e as pessoas têm medo mesmo.

Um participante relatou:

As pessoas que gostam do nosso trabalho chamam a gente e perguntam se a gente não quer trabalhar com elas em outro lugar (...) a gente tem outras oportunidades de trabalho para aumentar nosso dinheiro (...) geralmente as pessoas gostam da gente e elogiam quando a gente é um bom vendedor.

Já outro participante comentou:

Acho que as pessoas gostam da gente (...) elas me respeitam e parece que admiram o nosso trabalho de estar todos os dias cedo na rua trabalhando para viver.

A questão da discriminação por parte da sociedade em relação ao trabalho do gazeteiro também foi explicitada durante um dos grupos. De fato, no ambiente da rua transitam pessoas com objetivos diferentes: mendigos, assaltantes, trabalhadores

ambulantes, moradores de rua e crianças. Essa situação, em sua grande maioria, inibe o gazeteiro, fazendo com que ele se sinta marginalizado.

b) Rua: O espaço do lazer

O gazeteiro também percebe a rua como um espaço de lazer, ou seja, nas conversas informais, nos encontros e nas observações de campo, ficou nítido que durante a venda do jornal há momentos de descontração, brincadeira, diversão e lazer.

Gosto muito de trabalhar na rua: a gente conversa, brinca e conhece muita gente (Francisco, 22 anos).

Na rua eu ando de bicicleta oferecendo jornal, eu passeio, faço amizades, jogo xadrez e me divirto também (José Guedes, 40 anos).

Bruhns (1997) afirma que o homem se torna verdadeiramente humano, quando brinca e se distrai. Além disso, para compreender o sentido humano do lazer, é indispensável investigar o homem que o produz e sua condição de vida. É necessário buscar esse sentido do lazer na sua realidade social, na dimensão

social do conhecimento estabelecida pelo homem com sua sociedade e outras sociedades, na maneira como expressa esse conhecimento, através das coisas que cria, faz, transforma, ou seja, da sua cultura, a explicação e compreensão dos fatos.

Podem-se constatar duas grandes linhas de pensamento em relação ao fenômeno lazer. Uma que o considera como uma atitude de vida. Nesse caso, até o trabalho pode ser considerado lazer. A outra considera o lazer como “tempo livre” das obrigações profissionais, afazeres domésticos etc. Nota-se, porém, um condicionamento do “tempo livre” por fatores sócioeconômicos (renda familiar, educação, religião, linguagem e outros), não se mostrando tão livre como parece.

Percebi, através dos encontros com o grupo, que o gazeteiro também necessita de um lazer e isto é uma prioridade nas suas vidas. E, muitas vezes, a diversão e o lazer acontecem em momentos simples. Como eles mesmos relataram, eles se divertem até no caminho do trabalho, ou seja, dentro do transporte que as empresas jornalísticas oferecem para os gazeteiros e durante as conversas na rua com os clientes.

Enfim, a rua, para o gazeteiro, representa o trabalho, os encontros, as surpresas e os desejos. Ela também simboliza a “dura realidade da vida”, “a luta”. Além disso, a rua é um lugar público, controlado pelo governo, por intermédio de leis, de proibições, e o indivíduo não pode ignorá-las. Mas ela evoca também a aventura, o imprevisível, podendo proporcionar prazer e libertinagem.

Portanto, para o gazeteiro, a rua não é somente um espaço de trabalho, mas o ambiente da liberdade e da descontração. O mais importante reside, sem dúvida, na sensação de brincadeira, já que o aspecto lúdico transforma o trabalho da venda num lugar de encontro, num lugar onde se trocam idéias, onde se ri muito, onde “a gente é gente”.

Em Fortaleza, o comércio da venda de jornal realizada pelo gazeteiro representa, sem dúvida nenhuma, o elemento lúdico, graças aos encontros, às brincadeiras que acontecem. O gazeteiro vive, no cotidiano da rua, momentos de amizade, de ajuda e de muito trabalho. Vale ressaltar que o trabalho não é exercido com base na concorrência e sim a partir da cooperação e laços de convivência.

### c) Rua: O espaço da socialização

Segundo Elkin (1968), a socialização é um processo pelo qual alguém aprende os modos duma determinada sociedade ou grupo social, a fim de que possa funcionar dentro dele. Logo, ela é uma função de interação social, visando transmitir ao sujeito a cultura e a motivação para a participação nas relações sociais estabelecidas.

Elkin (1968) acredita que os indivíduos, ao serem socializados, pela observação, participação e desempenho de papéis, aprendem e assimilam expectativas novas e constroem para si mesmos novas autoconcepções.

A socialização ocorre em muitos ambientes e na interação com muitas pessoas. É também na *rua*, nessa via pública, entre o vai-e-vem de pessoas e veículos, que nós formamos a rede de relações humanas e a nossa identidade.

Falar da identidade do sujeito implica em considerar a sua família, as relações homem/mulher, as relações com os filhos e o lugar de trabalho. A construção da identidade está ligada à existência, à vida cultural, às relações sociais aos quais o grupo ou o indivíduo pertence. Essas relações se estabelecem e se movem entre si no cotidiano pelo contato e pelas disputas por trabalho.

O gazeteiro aprende muito novo a “se virar” a ir “à luta”. Ele entende muito cedo que não tem outra solução a não ser tentar um trabalho para sobreviver; e que precisa afrontar a “realidade da vida”. A realidade é a rua, o trabalho, pois é o meio de sobreviver “honestamente”. O sujeito, através da venda de jornal na rua, se sente reconhecido como ser humano; é chamado pelo nome ou pelo apelido; os fregueses sempre voltam, se tornam fiéis.

Neste sentido, podemos dizer que a rua é o mundo das relações contratuais que regem o convívio e a interação, sendo também considerada como um domínio público onde se dão as relações formais, expostas e visíveis, mediadas pela lei e pelo dinheiro.

A rua promove o contato com o outro. Problematiza o outro. A partir daí, se colocam duas questões que decorrem do próprio contato: - a da segurança e da socialização. A questão da segurança é inerente ao contato, se considerarmos que este será sempre mais ou menos problemático, pois encerra a possibilidade

do conflito. É preciso saber como evitá-lo ou geri-lo, quando se apresenta como incontornável. A socialização, introdução mais ou menos sistemática às regras e aos desempenhos paradigmáticos de uma sociedade, constitui dimensão inerente ao contato, pois decorre do seu caráter inelutável, ao mesmo tempo que o torna possível e o reproduz.

Além disso, a socialização ocorre por toda a vida. Numa sociedade que se modifica tão rapidamente quanto a nossa, sempre há novos progressos e novas relações que têm de ser aprendidos. Com isso, podemos dizer que a socialização é um processo que nunca pára.

#### c.1) As vantagens do trabalho na rua

Pudemos perceber um elemento que surgiu fortemente nos discursos dos grupos de gazeteiros: as vantagens de se trabalhar na rua. Assim, registramos o discurso de um participante:

Trabalhar na rua faz a gente conhecer pessoas (...), eu me sinto muito à vontade (...) eu vendo notícias e me divirto.

E outro gazeteiro explicita:

A gente faz amizades, conversa, consegue ganhar dinheiro e recebe outras propostas de trabalho (...) a gente faz caminhadas e anda de bicicleta para entregar os jornais dos clientes.

Nota-se que, apesar da existência de obstáculos no ambiente da rua (tais como: poluição dos carros, chuva, assaltos) o gazeteiro percebe que também existem vantagens. Para ele, a rua lhe proporciona, além de uma renda financeira, o prazer de fazer amizades, brincar, conversar. A rua se torna um lugar de liberdade, onde o gazeteiro vivencia e conhece outros bairros da cidade.

Um gazeteiro falou com muita alegria:

Eu adoro todo dia chegar no meu ponto e tomar café com meus fregueses (...) eu fico triste quando eu fico doente e não posso vir trabalhar (...) é muito bom trabalhar na rua é um ambiente agradável a gente se distrai e o tempo passa.

Segundo Camargo (1999), em todo lazer, existe o princípio da busca do prazer e é sempre liberatório de obrigações: busca compensar ou substituir algum esforço que a vida social impõe. Nos momentos de lazer, pode existir um forte conteúdo de sociabilidade, expresso no contato com as pessoas que interfere no desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos.

Ter a rua como ambiente de trabalho é uma oportunidade de ver e de ser visto, de ver paisagens naturais e construções humanas, de observar as pessoas em geral ou de encontrar-se com alguma pessoa em particular.

O espaço das relações humanas tem significados que não se vinculam apenas ao processo produtivo do sistema capitalista do trabalho. Este espaço, como é o caso da rua, tem um sentido próprio, quando estas relações se dão em nível descompromissado com o sistema produtivo do trabalho. Têm como elementos constituintes qualidades inerentes ao ser humano, voltadas para o lado introspectivo das emoções, das sensações, das satisfações pessoais, que provocam um estado de êxtase, fortalecendo os laços das relações com o espaço ambiente em que os sujeitos estão situados.

Dessa forma, todos os lugares com os quais nos relacionamos, até mesmo no trabalho, podem ser considerados ambientes que possuem significados para nós, e todo o tempo que nos vemos ligados a estes lugares pode gerar sentidos de “bem-estar”, do “contemplar”, do “valorizar as imagens”.

#### c.2) A percepção da rua

Está presente nas falas dos grupos, a percepção da rua como ambiente de trabalho. Segundo os gazeteiros, a rua é um espaço de trabalho onde se convive com a violência urbana e com o perigo constantemente. Não é fácil trabalhar num ambiente com insegurança, com medo de assalto e de acidentes de trânsito (atropelamentos).

Um deles afirmou:

A rua é violenta, mas a gente se acostuma a conviver com essas dificuldades porque a gente precisa trabalhar (...) a gente vai aprendendo a se sair das situações de perigo”. E outro: “A rua é perigosa, os motoristas são imprudentes, tem assaltos, pessoas que querem fazer maldade com a gente.

Diante dessa fala percebemos que alguns gazeteiros carregam um conjunto de experiências e afetos da rua como espaço de trabalho, dos quais o medo é o mais saliente.

Para Del Rio (1999), cada imagem e idéia sobre o ambiente é composta, portanto, de experiência pessoal, aprendizado, imaginação e memória. Os lugares em que vivemos e trabalhamos contribuem para as nossas imagens da natureza, de tudo o que o homem constrói e dele próprio.

Tivemos relatos que retratam a rua como um espaço de trabalho adequado:

A rua é um espaço bom (...), a gente conversa, brinca, se diverte e ganha dinheiro ao mesmo tempo (...). E outro: “Me sinto seguro na rua (...) não fico perto de pessoas que praticam o mal (...) converso e faço amizades com as pessoas.

De fato, cada indivíduo percebe, reage e responde diferentemente frente às ações sobre o meio. As respostas ou manifestações são resultado das percepções, dos processos cognitivos, julgamentos e expectativas de cada

indivíduo. Embora nem todas as manifestações psicológicas sejam evidentes, são constantes, e afetam nossa conduta, na maioria das vezes, inconscientemente.

Ainda que dois seres humanos dividam a mesma arquitetura biológica e genética, talvez aquilo que um deles percebe como uma cor ou cheiro, não seja exatamente igual à cor e cheiro que o outro percebe. Nós damos o mesmo nome a esta percepção, mas, com certeza, não sabemos se elas relacionam a realidade do mundo externo exatamente da mesma maneira que a realidade percebida por nosso semelhante. Talvez nunca saberemos.

É importante salientarmos que os valores culturais atribuídos ao lugar, às relações e aos acontecimentos, também podem desempenhar um papel significativo na maneira pela qual o sujeito percebe o mundo. Uma pessoa tem tendência para estar predisposta a perceber de acordo com seus valores éticos, morais, culturais e suas atitudes. Portanto, há certas predisposições perceptuais determinadas pelo desejo, vontade ou necessidade da pessoa que variam quanto a saliência, especificidade, duração, relação com outras predisposições.

Deste modo, podemos dizer que a percepção de um espaço é uma questão de olhos e coração, isto é, campo de visão e de afeição, de olhar o espaço e sentir.

A visão e a vivência da rua se somam o lirismo, os modelos culturais estereotipados ou não, as emoções que influenciam a percepção, permitindo que os indivíduos associem símbolos a este ambiente de trabalho . Estes símbolos

podem ter mais de um significado psicológico, além de significados sociais, místico-religiosos, culturais.

Entretanto, é a pessoa que decide sobre o significado predominante, com fundamentação em suas próprias experiências, atitudes, sentimentos e emoções ou sensações anteriores, tornando o símbolo uma comunicação, uma linguagem silenciosa de eventos na paisagem vivida.

d) Rua: O espaço do risco

“Percepção de risco”, segundo Soczka (2005), é a forma como os não-especialistas (referidos freqüentemente como leigos ou público em geral) pensam sobre o risco, e refere-se à avaliação subjetiva do grau de ameaça potencial de um determinado acontecimento ou espaço. Este tipo de percepção inclui uma dimensão de incerteza, e, por isso, muitas vezes está associado a uma avaliação de probabilidades de ocorrência de um fator de risco. Há sempre uma avaliação do valor das perdas potenciais, o que indica a sua gravidade. Estas avaliações são feitas em função das experiências e das representações dos indivíduos e por isso compreendem um conjunto de crenças e valores que dão significado ao acontecimento ameaçador.

Para Soczka (2005), as pessoas têm necessidades e experiências diferentes e essas diferenças individuais explicam as diversas avaliações da

situação, conduzindo a níveis diferentes de exposição ao risco. Além disso, a percepção de risco é um componente das atitudes, correspondente à dimensão das perdas esperadas, ou dos custos associados ao comportamento.

É fato que cada indivíduo percebe, reage e responde diferentemente frente a situações de risco. As respostas ou manifestações podem ser resultados das percepções, dos processos cognitivos, julgamentos e expectativas de cada indivíduo. Embora nem todas as manifestações psicológicas sejam evidentes, são constantes e afetam nossa conduta, na maioria das vezes, inconscientemente.

Segundo Assailly (1997), o risco acompanha a vida do ser humano. Estudos de homens e animais recém-nascidos mostram que todos os indivíduos confrontam-se, desde o nascimento, com duas necessidades contraditórias: a busca da segurança, que se expressa principalmente pelo movimento instintivo de aproximação ao corpo maternal ou seu substituto; e a busca de estímulos, que se expressa pela exploração do seu ambiente, exploração que constitui uma fonte de riscos. O risco e a segurança, portanto, estão inscritos dentro da dinâmica do desenvolvimento e esta ambivalência inicial, buscar e evitar o risco, se traduz de diversas maneiras nos domínios da existência humana.

Levando-se tais proposições em consideração, foi importante analisarmos os discursos dos gazeteiros em relação à percepção dos riscos que correm no ambiente de trabalho.

Neste sentido, foi questionado o modo como o gazeteiro se relaciona com as pessoas na *rua*, como se relaciona com seus clientes em potencial, como

se relaciona com seus colegas de trabalho e seus sentimentos em relação ao trabalho.

O estudo da percepção é de fundamental importância para a compreensão das inter-relações entre o gazeteiro e o seu ambiente de trabalho, suas expectativas, medos, satisfações e condutas. Assim os sentimentos e sensações também foram coletados, relacionando-os ao “olhar” que o vendedor de jornal tem sobre a rua.

#### d.1) A relação da vivência da rua versus o comportamento do sujeito

Em alguns momentos de um dos grupos foi mencionada a questão da influência (ou não) da marginalidade e do uso das drogas que existe no meio ambiente da rua no comportamento do sujeito. Constatamos através das entrevistas e dos relatos nos grupos focais que têm gazeteiros que são usuários de drogas e que iniciaram o vício através da convivência com outros trabalhadores de rua e com “conhecidos de trabalho”. Assim, percebe-se que na rua o gazeteiro constrói muitas relações e que, dependendo do tipo de vínculo que ele estabelece com essas pessoas, ele poderá ingressar no mundo das drogas e da marginalidade.

A fala de um gazeteiro nos chamou atenção para a questão das drogas e da marginalidade na rua:

Na rua a gente conhece pessoas de todos os jeitos (...) tem gente que oferece um baseado, um crackzinho, e até mesmo chama a gente pra fazer uma parada de assalto (...) tem gazeteiro que entra nessa onda, mas acho que a maioria tem consciência que isso é errado.

Já outro participante comentou:

Na rua a gente vê de tudo (...) é uma escola que pode levar a gente para o bem ou para o mal. Eu mesmo já usei droga por influência de um traficante que andava sempre perto do meu ponto de trabalho, mas graças a Deus eu consegui sair dessa (...).

A vivência do cotidiano da rua faz com que o gazeteiro tenha vários tipos de experiências e aprendizagem que podem influenciar no seu comportamento e nas suas atitudes. Porém, nos depoimentos de alguns dos gazeteiros há a fala de que o gazeteiro pode até ser influenciado por outros colegas para fazer algo, mas ele tem “consciência” do que é certo e errado.

#### d.2) As dificuldades e os riscos da rua

Identificamos, nas falas dos participantes, aspectos, de certa forma, contraditórios, quando eles, embora falem que a rua é um ambiente bom de trabalho, seguro, tranquilo e divertido, demonstram também insatisfação em ter

que acordar cedo e sair na madrugada para trabalhar, há o medo da violência, dos preconceitos e das variações climáticas.

Um dos participantes comentou:

Pra mim a dificuldade maior que a gente enfrenta é ter que trabalhar na chuva (...) a gente fica doente, molhado e tem que sair de casa de madrugada com a chuva invadindo a nossa casa (...) a venda fica prejudicada e a gente costuma vender menos.

Já outro gazeteiro complementou dizendo:

Tem muito motorista imprudente (...) eles passam o carro por cima da gente e só falta atropelar a gente (...) temos que vender e ao mesmo tempo ter cuidado com os carros, bicicletas e motos.

O discurso sobre a violência urbana de um dos participantes mereceu um destaque:

Na rua a gente também é vítima dos assaltantes (...) é muito ladrão na rua (...) e quando eles percebem que a gente tem dinheiro de venda eles querem assaltar (...) já cheguei em casa uma vez todo espancado de um ladrão que queria me roubar e eu briguei com ele na porrada.

Um participante fez um depoimento bastante espontâneo:

Quando a empresa me chamou para trabalhar como gazeteiro foi um Deus nos acuda na minha casa (...) a minha mãe disse que eu não ia porque a rua era muito violenta, que eu ia virar um marginal

e que eu ia começar a usar droga (...) mas eu disse que eu queria trabalhar vendendo jornal e que nada disso ia acontecer comigo (...) minha mãe chorou para eu não ir, mas eu consegui provar pra ela que eu sou um trabalhador e que eu nunca fiz nada de errado.

Através dos grupos, percebemos que, apesar de o gazeteiro conviver e trabalhar num ambiente de perigo e violência, ele não se sente influenciado por isso. Ele acredita que cada sujeito recebe uma educação e aprende a distinguir o que é certo e errado, bom e ruim. Segundo os gazeteiros, existem pessoas no ambiente da rua que querem “convencer” o sujeito a fazer um assalto, a traficar droga, enfim, a tornar-se um marginal. Mas “a pessoa só aceita ir pelo caminho errado se quiser”.

Através dos depoimentos dos gazeteiros ficou explícito que eles “aprendem” a lidar com as situações de risco, ou seja, eles encontram formas de tentar conviver pacificamente com os outros trabalhadores de rua e até mesmo com mendigos, traficantes e marginais. Geralmente, o gazeteiro conversa, brinca e chega até mesmo a dar um trocado para evitar qualquer atrito.

Em relação ao perigo do trânsito o vendedor de jornal procura estar sempre atento ao movimento dos sinais e veículos para que não aconteça um atropelamento. É comum que o gazeteiro tenha o hábito de marcar o tempo do sinal vermelho para que ele possa calcular os segundos que ele tem para transitar entre os carros.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A chegada a este momento do trabalho confere a real dimensão do tema escolhido. Longe de conclusões definitivas, herméticas, inquestionáveis, o momento é de constatações e de abertura para novos questionamentos.

Os objetivos listados no início do trabalho foram atingidos, tendo em vista que a partir dos depoimentos, pude recolher o significado da percepção do cotidiano da rua na visão do gazeteiro, o perfil socioeconômico destes sujeitos e indícios de sofrimento psíquico referentes às especificidades do trabalho na rua.

A pesquisa revelou que a rua é vista, principalmente, pelo vendedor de jornal, como um espaço de trabalho. Porém, a rua também é um ambiente onde ele se socializa e mantém relações com seus colegas de trabalho e clientes. Com isso, ele tem o sentimento de inclusão social e de visibilidade, pois há o sentimento de estar sendo útil para a sociedade e “reconhecido” pelas pessoas pelo seu nome ou apelido através da atividade que exerce.

Durante o estudo foi constatado que a rua, apesar de ser um local onde o gazeteiro tem momentos de lazer, descontração e brincadeira, é um ambiente

onde existe o risco da violência, do assalto, da utilização de drogas. Por isso, não é difícil nos depararmos com pessoas que “confundem” o gazeteiro com um marginal, tendo em vista que ambos estão sempre presentes no ambiente da rua.

A pesquisa mostrou que o cotidiano do trabalho na rua não é algo fácil, porém, ao contrário do que se pode imaginar, é uma atividade extremamente prazerosa para o gazeteiro. Esses elementos negativos são lembrados durante os relatos dos gazeteiros, mas não é o foco do discurso. Certamente isso decorre da subjetividade daquele que está vivendo e analisando a questão, seja por sua formação teórica e prática, seja por sua forma de compreensão do mundo e das relações.

Concluí, pois, que a percepção do cotidiano da rua na visão do gazeteiro é uma experiência subjetiva e singular. Subjetiva porque se funda na inter-relação homem-mundo. A cultura se insere neste ponto, na visão dirigida aos fenômenos, que já vêm entranhados do social.

Nesta perspectiva, notei, ao longo das entrevistas, que o gazeteiro não relaciona seu trabalho somente ao acúmulo de capital (lógica economicista), ou seja, o trabalho não é visto somente como fonte de lucro. Nas falas dos entrevistados, as definições da percepção do cotidiano na rua partem da vivência de cada um, das experiências pessoais.

Na teorização (reflexão) sobre o tema da pesquisa, passo inicial do trabalho, procurei reaver as diversas tonalidades dele e de como aparece nas teorias psicológicas e sociológicas. Este foi um momento de muitas leituras. O

momento seguinte se caracterizou pela pesquisa de campo propriamente dita, pela conversa com os gazeteiros, no contato com o mundo vivido. Não busquei somente quantidade de informações, mas, principalmente, a qualidade e o aprofundamento.

Uma característica dessa maneira de se fazer pesquisa é que a própria pesquisa não se fecha, como se não terminasse. A sensação é de que se o contato com os gazeteiros for retomado infinitas vezes, novas compreensões sobre a percepção do cotidiano da rua e do trabalho aparecerão. É um contínuo desdobramento, que, longe de frustrar, empolga pela perspectiva de continuidade do trabalho.

Se, em alguns momentos, o tema implicou dificuldades, é necessário ressaltar que implicou também inovação e aprendizagem. Assunto pouco estudado e discutido nos meios de pesquisa permitiu mostrar que o ambiente de trabalho da rua na visão do gazeteiro tem perspectivas positivas.

Na pesquisa, viu-se que os gazeteiros assumem, diante de si mesmos e da entrevista, a noção de que enfrentam riscos e sofrem psicologicamente com isso em alguns momentos.

O trabalho, para o gazeteiro, é símbolo de luta, porém, com prazer e satisfação. Ao longo das entrevistas, poucas vezes se viu referência direta e explícita da rua como um ambiente desagradável de trabalho.

Havia, desde o início do trabalho, uma hipótese de que falar e vivenciar a percepção do cotidiano da rua, através do gazeteiro, possibilitava ter um olhar diferenciado sobre o tema. Como o destaque é sempre nos riscos e problemas que as pessoas que trabalham na rua enfrentam, ou seja, como há o foco na experiência dolorosa e negativa, eu objetivava tratar do assunto com outra roupagem. Mas eu não podia fazê-lo sem ser por via da pesquisa. Eram as falas dos gazeteiros que me diriam realmente se a percepção da rua como um espaço de risco era compartilhada por outras pessoas. Na minha compreensão, havia esta tese, mas eu não podia me fixar nela, pelo perigo de perder contato com o mais importante em uma pesquisa deste tipo: o dado, o fenômeno. Assim, foi com certa satisfação que pude ouvir os entrevistados, ressaltando esta nuance do cotidiano da rua. Minhas teses não eram e não são de todo só minhas.

Perceber a pertinência do tema da percepção do cotidiano da rua para os gazeteiros me confirmou que esse estudo é fundamental por vários motivos: para o entendimento desta sociedade em que se está inserido e das suas peculiaridades; para a compreensão de quem é o sujeito que habita este social, como se constitui e se caracteriza o trabalho da venda de jornal através do gazeteiro.

Desta pesquisa, desdobram-se muitas outras inquietações, que poderiam, quem sabe, transformar-se em novas pesquisas. Como o cotidiano da rua é vivido e se é vivido por outros trabalhadores? Como os transeuntes e motoristas percebem a rua? Estas questões permitem a ampliação do tema, confirmando sua importância no estudo dos fenômenos humanos e sociais.

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Amatuzzi, M. A. (1996). *Apontamentos acerca da pesquisa fenomenológica*. Estudos de psicologia.

Arbonoz, S. (1990). *O que é trabalho?* Rio de Janeiro: Brasiliense.

Arendt, H. (2004). *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Assailly, J. P. (1997). *Lês jeunes et lê risque: une approche psychologique de l' accident*. Paris, Ed.Vigot.

Bourdieu, P. (1990). *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense.

Brandão, C. (1989). *A cultura na rua*. São Paulo: Papirus.

Bruhns, H. (1997). *Introdução aos estudos do lazer*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas.

Camargo, L. (1999). *O que é lazer*. São Paulo: Brasiliense.

Canclini, N. (1996). *Culturas híbridas y estrategias comunicacionales*. Em: Seminário Fronteiras Culturales: Identidad y Comunicación na América Latina. Universidade de Stirling.

Carlos, A. (2004). *O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade*. São Paulo:Contexto.

Carneiro, A. D. (1994). *Redação em construção: a escrita do texto*. São Paulo: Editora Moderna.

- Certeau, M. (1994). *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes.
- Codo, W. (1993). *Indivíduo, trabalho e sofrimento*. Petrópolis: Vozes.
- Codo, W. (1996). *Trabalho, organizações e cultura*. São Paulo: ANPEPP.
- Da Matta, R. (1991). *A casa e a rua*. São Paulo: Rocco.
- Da Matta, R. (1997). *Carnavais, malandros e heróis*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Iñiguez, L & Pol, E. (s/d). *Cognición, representación Y apropiación del espacio*. Barcelona: Universitat de Barcelona Publicacions.
- Dejours, C. (1992). *A loucura do trabalho*. São Paulo: Cortez.
- Donkin, R. (2003). *Sangue, suor e lágrimas: a evolução do trabalho*. São Paulo: M Books do Brasil.
- Elkin, F. (1968). *A criança e a sociedade*. Rio de Janeiro: Edições Bloch.
- Ferrari, I. (1998). *História do trabalho, do direito do trabalho e da justiça do trabalho*. São Paulo: LTR.
- Ferraz, H. (1996). *Cidade e vida*. São Paulo: João Scortecci Editora.
- Ferreira, T. (2001). *Os meninos e a rua*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Forghieri, Y. C. (1993). *Psicologia fenomenológica: fundamentos, métodos e pesquisa*. São Paulo: Pioneira.
- Gorz, A. (1997). *Quem não tiver trabalho, também terá o que comer*. São Paulo: Estudos Avançados.
- Guareschi, N. (2003). *Psicologia social nos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes.

- Hall, E. T. (1977). *A dimensão oculta*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Hansen, G. (2000). *Espaço, tempo e modernidade*. In: Geographia. Niterói.
- Heimstra, N. W. (1978). *Psicologia ambiental*. São Paulo: EPV.
- Heller, A. (1972). *Cotidiano e história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Henderson, H. (1960). *A oferta e a procura*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Hochberg, J. (1982). *Percepção*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Holanda, A. F. (2001). *Psicologia e pesquisa fenomenológica: reflexões e perspectivas*. São Paulo: Omega Editora.
- Houaiss, A. (2001). *Dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Iñiguez, L & Pol, E. (s/d). *Cognición, representación Y apropiación del espacio*. Barcelona: Universitat de Barcelona Publicacion.
- Jucá, G N. (2003). *Verso e reverso do perfil urbano de Fortaleza (1945 – 1960)*. São Paulo: Annablume, 2003.
- Lee, T. (1977). *Psicologia e meio ambiente*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lefebvre, H. (1999). *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Editor Ática.
- Levy-Leboyer, C. (1980). *Psychologie et environnement*. Paris: PUF.
- Lins, D. (2002). *Cultura e subjetividade: saberes nômades*. São Paulo: Papirus.
- Magnani, J. G. (1998). *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo: Hucitec.
- Marcellino, N. (1996). *Estudos do lazer: uma introdução*. São Paulo: Autores Associados.

Martins, J & Bicudo, M. A. (1994). *Pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos*. São Paulo: Editora Moraes.

Martins, J. S. (2000). *A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala*. São Paulo: Hucitec.

Mascarenhas, A. C. B. (2002). *O trabalho e a identidade política da classe trabalhadora*. Goiânia: Alternativa.

Okamoto, J. (2002). *Percepção ambiental e comportamento*. São Paulo: Mackenzie.

Orlandi, E. P. (2001). *Cidade atravessada: os sentidos públicos do espaço urbano*. Campinas: Pontes.

Pastore, J. (2000). *Evolução do trabalho humano*. São Paulo: LTR.

Peizerat, C. (1997) *An interpretation of Europe in planning and property development base on discourse analysis: the example of business sites*. *Internacional Planning Studies*, UK.

Rio, V. D. (1999). *Percepção ambiental: a experiência brasileira*. São Paulo: Nobel.

Saldanha, N. (1993). *O jardim e a praça: o privado e o público na vida social e histórica*. São Paulo: EDUSP.

Santos, C. (1985). *Quando a rua vira casa: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro*. São Paulo: Projeto, 1985.

Santos, M. (1997). *Pensando o espaço do homem*. São Paulo: Editora Hucitec.

Sennett, R. (1989). *O declínio do homem público*. São Paulo: Companhia das Letras.

Soczka, L. (2005). *Contextos humanos e psicologia ambiental*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Sommer, R. (1973). *Espaço pessoal*. São Paulo: EPU.

Sousa, M. (1986). *A rosa púrpura de cada dia: trajetória de vida e cotidiano de receptores de telenovela*. São Paulo. Tese (Doutorado em Ciência da Comunicação) Universidade de São Paulo, Escola de Comunicação e Artes.

## **ANEXO A**

### **QUESTIONÁRIO APLICADO COM OS GAZETEIROS**

#### **Dados Básicos**

Nome do entrevistado:

Data do nascimento:

Posição que ocupa na família:

Estado civil:

Nº de pessoas residentes na casa:

Município de origem:

Endereço residencial:

Existem crianças que moram em casa? Quantas são?

Grau de instrução:

#### **Trabalho e Renda**

Quantas pessoas contribuem para a renda familiar?

Qual a renda familiar em salários-mínimos?

Quantas vezes por semana você vende jornal?

É gazeteiro por opção?

Gosta de ser gazeteiro?

Qual o seu projeto de vida?

### **Condições de Moradia**

Qual é a sua situação ocupacional (casa própria, casa alugada, casa cedida, coabitação, invasão)?

Qual é o seu tipo de habitação (taipa, tijolo, mista, provisória)?

Qual é o número de cômodos da sua casa?

Como é o uso da sua habitação (residencial, residencial e comercial)?

Como é a iluminação da sua habitação (elétrica, lampião, outros)?

Como é o abastecimento de água na sua habitação (cacimba, Cagece, poço, outros).

Qual é o destino final do lixo da sua residência (coleta pública direta, coleta pública indireta com container, enterrado, jogado em áreas próximas, queimado, jogado em terreno baldio)?

Onde você mora tem rede de esgoto?

### **Saúde**

A quem você e sua família recorrem quando adoecem (ao posto de saúde, farmácia, hospital, rezadeira outros)?

Você recebe visitas domiciliares de agentes de saúde?

Como é a água que você consome (filtrada, coada, fervida, sem tratamento)?

Quais as doenças mais freqüentes na sua família (diarréia, verminoses, pneumonia, desidratação, gripe, alergias, piolhos, coceira, infectocontagiosa, cardíacas, outros)?

Há algum caso de deficiência (física, mental, auditiva) na família? Qual é?

Qual é a alimentação básica da sua família?

Quantas vezes ao dia você se alimenta?

Já passou fome?

Quando passou fome, o que você fazia?

Alguma pessoa da sua família consome ou já consumiu drogas? Quem usou e qual foi (álcool, cigarro, maconha, cocaína, crack, cola e solventes, remédios controlados)?

Alguém é dependente destas drogas? Quem?

Você usa preservativo em suas relações sexuais?

### **Situação Escolar**

Quantos filhos você têm em idade escolar (7 a 17 anos)?

Quantos filhos freqüentam a escola regularmente?

Qual é o tipo da escola (pública, particular, outra)?

Qual o motivo para que os outros não freqüentem a escola?

Qual é o seu maior sonho?

Você é feliz?

Do que você tem medo?

### **Participação Comunitária em Projetos**

Além da escola, seu filho ou você participa de alguma atividade extra (dança, capoeira, esportes, artes marciais)? Qual? Onde faz?

Você participa de alguma atividade/iniciativa comunitária? Qual?

Você participa de alguma associação ou sindicato? Qual?

Seus filhos ou você estão engajados em algum Programa ou Projeto Social? Qual?

### **Capacitação**

Quais os cursos profissionalizantes ou de iniciação profissional que você gostaria de participar (informática, recepcionista, serigrafia, vendas, inglês, promoção de eventos, costura, telemarketing, reciclagem, eletricitista, outros)?

### **Meios de Comunicação**

Quais são os meios de comunicação a que você tem acesso (rádio, telefone, televisão, cinema, jornal, revista, telefone celular, outros)?

### **Lazer**

Qual é o seu lazer (praia, festas, música, nenhum, cinema, esportes, televisão, outros)?

Qual é o tipo de música de que você mais gosta (rock, forró, reggae, brega, axé, hip hop, outros)?

## ANEXO B

### ENTREVISTAS COM OS GAZETEIROS

#### Dados Pessoais

Nome:

Idade:

Endereço Residencial:

Ponto de Venda:

Tempo de trabalho como gazeteiro:

#### Roteiro de Perguntas

- 1) O que o seu trabalho significa na sua vida?
- 2) Como você percebe a *rua*?
- 3) Quais são as vantagens de se trabalhar na *rua*?
- 4) Quais são as dificuldades que você encontra na *rua*?
- 5) Existem situações de risco no seu trabalho? Quais são?
- 6) Você acha que o ambiente da rua tem influência no seu comportamento?

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)